



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ALINY DE SOUSA LOPES

**AS BRINCADEIRAS INDÍGENAS COMO PRÁTICAS EDUCATIVAS
INTERGERACIONAIS NA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE -
UMA/UFT**

**Palmas, TO
2022**

Aliny de Sousa Lopes

**As brincadeiras indígenas como práticas educativas
intergeracionais na Universidade da Maturidade - UMA/UFT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal do Tocantins
(PPGE/UFT), como requisito à obtenção do grau de
Mestre em Educação.

Orientadora: Dra^a Neila Barbosa Osório

Palmas, TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

LS64" Lopes, Aliny de Sousa.
 "As brincadeiras indígenas como práticas educativas intergeracionais na
 Universidade da Maturidade - UMA/UFT". / Aliny de Sousa Lopes. –
 Palmas, TO, 2022.
 90 f.

 Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
 – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em
 Educação, 2022.
 Orientadora : Dr^a Neila Barbosa Osório

 1. UNIVERSIDADE DA MATURIDADE. 2. A IMPORTÂNCIA DAS
 BRINCADEIRAS TRADIÇÃOAIS. 3. ENVELHECIMENTO HUMANO. 4.
 REGISTROS DA CONVIVÊNCIA COM OS INDÍGENAS. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

FOLHA DE APROVAÇÃO

ALINY DE SOUSA LOPES

**“As brincadeiras indígenas como práticas educativas intergeracionais na
Universidade da Maturidade - UMA/UFT”**

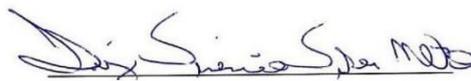
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Educação e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 19 / 12 / 2022

Banca Examinadora



Prof. Dra. Neila Barbosa Osório, PPGE-UFT.



Prof. Dr. Luiz Sinésio Silva Neto, PPGECS-UFT



Prof. Dra. Daniela Patrícia Ado Maldonado, PPGE-UFT

Palmas-TO, 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, fonte da minha vida, inspiração e sabedoria. Até aqui o Senhor me sustentou e nunca me abandonou. Obrigada por estar sempre comigo e pelo teu grande amor.

Agradeço especialmente a minha mãe Adalgiza que sempre me incentivou, me ajudou e me forneceu os meios para estudar, mesmo nos momentos mais difíceis, como uma gravidez de risco e um mestrado para cursar, esteve ao meu lado e sei que estará sempre torcendo por mim. Amo muito a senhora.

Agradeço aos meus irmãos pela presença constante, pelo apoio incondicional e incentivo. Amo vocês.

Ao meu esposo Antônio Sidney Rosendo por sempre estar ao meu lado me apoiando e incentivando e nunca deixar a “peteca” cair. Amo você.

Agradeço à minha orientadora, professora Dr^a Neila Osório pelo conhecimento compartilhado, pela experiência dividida, pelos importantes momentos de aprendizagem proporcionados, pelas broncas, pelas insistências e principalmente por ter me incentivado a chegar até aqui. É inspiração como mulher e profissional.

À coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, professora Dr^a Jocyleia Santana, pelos ensinamentos, pela compreensão e agilidade que trata cada situação dos mestrandos, pelos momentos de interação e troca de conhecimentos ao longo das aulas.

Ao meu colega Marlon Brito, pela paciência, pelos ensinamentos, pela compreensão e orientações. Obrigado por tudo.

Agradeço aos colegas de sala Edilene e Elizangela que, mesmo distante devido a pandemia, estiveram presentes virtualmente, bem como os demais que também passaram por tudo isto e juntos venceremos esta etapa.

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado versa sobre brincadeiras indígenas obtidas por meio de narrativas de anciãos da Universidade da Maturidade da UMA-UFT. Tem como objetivo geral: esquematizar as brincadeiras indígenas por meio de narrativas e práticas educativas intergeracionais. Ao passo que divulga-se resultados de investigações sobre o brincar alcançadas nos espaços da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), que se desdobra nos seguintes objetivos específicos: a) Registrar as características do Território Indígena do povo Akwê-Xerente em Tocantínia - Tocantins; b) Narrar como eram as brincadeira indígenas e como acontece as aprendizagens por meio do brincar com os mais velhos; c) Descrever como a Universidade da Maturidade -UFT Colabora com reflexões sobre brincadeiras indígenas de maneira intergeracional. d) Compartilhar momentos de vivências com crianças e anciãos indígenas do povo Akwê-Xerente. Participaram do estudo 10 acadêmicos matriculados no ano de 2022 da Universidade da Maturidade - UMA da Universidade Federal do Tocantins polo indígena da cidade de Tocantínia -TO. Os dados foram coletados por meio de entrevista, é uma pesquisa de natureza aplicada e de abordagem qualitativa. Como resultados, pode-se apontar que nas narrativas os anciãos da UMA indígena puderam despertar memórias que estavam adormecidas e sentiram-se à vontade para expô-las, o que possibilitou a eles prazer e distração, e pode-se dizer que é a conservação das próprias histórias, pois encontraram ouvidos atentos para suas narrativas, em que são protagonistas de riquíssimas lembranças carregadas de identidade sociocultural de sua etnia, memórias vivas de brincadeiras indígenas que estão a cada dia sendo esquecidas pelas atuais gerações.

Palavras-chaves: Brincadeira indígena, Práticas intergeracional, akwê Xerente, Tecnologia Social.

ABSTRACT

This Master's research deals with indigenous games obtained through narratives of elders from the University of Maturity of UMA-UFT. Its general objective is to outline indigenous games through narratives and intergenerational educational practices. While the results of investigations on playing achieved in the spaces of the University of Maturidade, of the Federal University of Tocantins (UMA/UFT) are published, which unfolds in the following specific objectives: a) To register the characteristics of the Indigenous Territory of the Akwê people -Xerente in Tocantínia - Tocantins; b) Narrate how indigenous games were and how learning happens through playing with the elders; c) Describe how the Universidade da Maturidade -UFT collaborates with reflections on indigenous games in an intergenerational way. d) Share moments of experiences with children and indigenous elders of the Akwê-Xerente people. The study included 10 academics enrolled in the year 2022 from the University of Maturidade - UMA of the Federal University of Tocantins indigenous pole of the city of Tocantínia -TO. Data were collected through interviews, it is an applied research with a qualitative approach. As a result, it can be pointed out that in the narratives the elders of the indigenous UMA were able to awaken memories that were dormant and felt free to expose them, which gave them pleasure and distraction, and it can be said that it is conservation of their own stories, as they found attentive ears to their narratives, in which they are protagonists of very rich memories loaded with the sociocultural identity of their ethnicity, vivid memories of indigenous games that are being forgotten every day by current generations.

Keywords: Indigenous play, Intergenerational practices, akwê Xerente, Social Technology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cidade de Tocantínia - TO	37
Figura 2 - Festa de Nossa Senhora do Rosário	38
Figura 3 - Artesanato confeccionado pelo ancião da UMA.	39
Figura 4 - Mapa Localização Geográfica de Tocantínia	40
Figura 5: Equipe da UMA/UFT com a comunidade indígena de Tocantínia - TO	42
Figura 6: Mapa do Estado do Tocantins – Terras Indígenas	43
Figura 7: Visita da UMA indígena na sede da UMA/ UFT polo de Palmas -TO	45
Figura 8: Aula no polo da UMA/UFT em Tocantínia - TO	49
Figura 9: Encontro com representantes políticos para assinatura do Termo de Cooperação do polo da UMA/UFT em Tocantínia - TO	50
Figura 10: Visita da UMA indígena ao museu Palacinho em Palmas –TO	52
Figura 11: Polo da UMA/UFT em Tocantínia - TO	60
Figura 12: Equipe e alunos do polo da UMA/UFT em Tocantínia - TO	64
Figura 13: Aula intergeracional no polo da UMA indígena Tocantínia -TO	67
Figura 14: Escola da comunidade indígena de Tocantínia- TO	77
Figura 15: Foto de ilustração das pinturas corporais dos clãs Akwê Xerente	79
Figura 16: Foto de nomeação pelos anciãos da UMA/UFT	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP/UFT: Comissão de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal do
Tocantins

GIPEEIAH/UFT - Grupo Interdisciplinar para Pesquisas e Estudos em Educação
Intergeracional e Altas Habilidades, da Universidade Federal do Tocantins

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional MEC: Ministério da Educação

PPGE/UFT: Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do

Tocantins SEDUC-TO: Secretaria da Educação - Governo do Tocantins

SEMED: Secretaria da Educação - Prefeitura de Palmas

SNDPI: Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa

Idosa UFT: Universidade Federal do Tocantins

UMA/UFT - Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Memorial da pesquisadora	14
1.3	Um diário de bordo	18
2	METODOLOGIA	27
2.1	A pesquisa bibliográfica	27
2.2	O Estudo de Caso	31
3	A PRINCESINHA DO SERTÃO ¹.	35
3.1	Breve Histórico de Tocantínia - Krikahã e as brincadeiras	37
3.2	O Povo Akwê-Xerente	40
4	UNIVERSIDADE DA MATURIDADE	43
4.1	Sobre a UMA/UFT	43
4.2	A UMA/UFT em Tocantínia– TO.	47
5.1	A Importância das Brincadeiras Tradicionais	51
5.2	O brincar nos dias atuais	54
5.3	Comunidades indígenas no processo de modernização	57
6.	ENVELHECIMENTO HUMANO	60
6.1	Velhice: A Importância Dessa População	60
6.2	Relações intergeracionais	62
7	REGISTROS DA CONVIVÊNCIA COM OS INDÍGENAS	65
7.1	Transcrição e análise das narrativas dos acadêmicos da UMA/UFT	66
7.2	Prática Intergeracional - relato de uma aula	75
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
9.	REFERÊNCIAS	82

1 INTRODUÇÃO

O debate sobre a intergeracionalidade por meio das brincadeiras perpassa discussões vivenciadas por aqueles que alcançam o privilégio de viverem em territórios indígenas. Locais multiculturais onde homens e mulheres também vivenciam o fenômeno do envelhecimento humano, com o aumento no número de pessoas idosas indígenas e não-indígenas, que convivem juntos há tempos e compartilham conquistas alcançadas em todo o planeta (OPAS/ONU, 2021).

Neste processo, as pessoas idosas Akwê-Xerente, povos tradicionais indígenas do Leste do Tocantins, vivem suas subjetividades em espaços íntimos de cada indivíduo, e, nas palavras de Vygotsky (2000), convivem com seu mundo interno em relacionamentos com mundo externo. Um universo que alcança as brincadeiras, enquanto processos das relações sociais que perpassam gerações e estão presentes em todas as etapas da vida do ser humano.

Kishimoto (1999) elucida que nas brincadeiras as crianças alcançam a apreensão da cultura, em seu complexo conjunto de conhecimentos, crenças, arte, moral e costumes; além de formação de hábitos e desenvolvimento de capacidades que podem ser adquiridas por homens e mulheres em suas fases de desenvolvimento cognitivo e enquadramento social (JULIÁ, 2011).

As brincadeiras denotam os traços regionais e as diferentes manifestações expressivas de um agrupamento de pessoas que vivem dentro de uma mesma área geográfica (KISHIMOTO, 1999), ou seja, são espelhos de uma comunidade, rural ou urbana, tradicional ou contemporânea. Elas representam costumes comuns de um grupo que resolveu se unir por interesses comuns e participar de condições compartilhadas de vida.

Na visão de Libâneo (2002), entendemos que as brincadeiras envolvem a educação não-formal, pois alcançam questões políticas, profissionais, científicas, culturais e formativas entre as crianças dos grupos sociais. Pois, segundo Piaget (1976), a brincadeira auxilia na formação do símbolo na criança e, ao brincar, uma criança treina atividades de caráter intencional com outras crianças e trocam saberes, conhecimentos e expressões sobre algo; ao mesmo tempo em que resolvem seus conflitos e fazem acordos.

Portanto, acreditamos que as brincadeiras são práticas educativas que formam as pessoas na função social, no papel familiar, e outras faces da cultura humana (LIBÂNEO, 2002). Elas garantem aos membros da comunidade, de forma lúdica, conquistas que envolvem o desenvolvimento cognitivo e social dos mais novos, em prol do que foi consolidado pelos

mais velhos, conceitos que Piaget (1976) chama de “símbolos” e os caracteriza na “imitação, jogo, sonho, imagem e representação”.

Nessa linha de manifestação, concordamos que as brincadeiras são elementos importantes para nossa compreensão sobre o mundo, já que “tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 6).

Neste viés, este trabalho objetiva esquematizar as brincadeiras indígenas por meio de narrativas e práticas educativas intergeracionais. Ao passo que divulga-se resultados de investigações sobre o brincar alcançadas nos espaços da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), em seu polo de atividades localizado no Território Indígena do povo Akwê-Xerente, no município de Tocantínia, Estado do Tocantins.

Os objetivos específicos deste trabalho podem ser elencados como:

- a) Registrar as características do Território Indígena do povo Akwê-Xerente em Tocantínia - Tocantins;
- b) Narrar como eram as brincadeira indígenas e como acontece as aprendizagens por meio do brincar com os mais velhos;
- c) Descrever como a Universidade da Maturidade -UFT Colabora com reflexões sobre brincadeiras indígenas de maneira intergeracional.
- d) Compartilhar momentos de vivências com crianças e anciãos indígenas do povo Akwê-Xerente.

O trabalho está estruturado em percepções do mundo dos autores (MERLEAU-PONTY, 1971), em capítulos, e neles divulgam-se os resultados que envolvem o registro das características do Território Indígena e do povo Akwê-Xerente em Tocantínia -Tocantins. Ou seja, descrevem-se elementos que ajudam na construção de uma ideia política e pedagógica (LIBÂNEO, 2002), conceito e da noção do que se pretende nos demais capítulos, tendo em vista que aborda-se as características iniciais do *locus* da pesquisa e do povo Akwê-Xerente.

Neste direcionamento, a dissertação foi apresentada em seis sessões, sendo que na primeira foi realizado o delineamento metodológico da pesquisa, no qual se apresenta o referencial teórico, a escolha da instituição e o processo de coleta de informação que foi utilizado nesta pesquisa.

Na segunda seção trata-se sobre a cidade de Tocantínia -TO, onde está localizado o polo indígena da Universidade da Maturidade - UFT. Traz uma abordagem acerca da história

do município, sua localização, manifestações culturais, artesanatos da cultura do povo akwê xerente, bem como um breve histórico dos indígenas Xerentes.

Na terceira seção, traz uma abordagem acerca da UMA/UFT, aspectos relacionados ao Projeto Político Pedagógico, bem como divulgação de como a Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins atua no universo das brincadeiras tradicionais indígenas. Assim como afirma Juliá (2011), envolve-se nesta parte do trabalho, a “Cultura Escolar”, como a UMA/UFT vai além de um programa de extensão, com proposta pedagógica voltada à melhoria da qualidade de vida da pessoa adulta e dos idosos, que visa à integração dos mesmos com os alunos de graduação.

Na quarta seção, traz uma abordagem teórica sobre brincadeiras tradicionais, o brincar na atualidade e as brincadeiras através da modernização tecnológica nas comunidades indígenas. Junto com autores como Kishimoto (1999), colaborar com reflexões sobre as novas tecnologias e as brincadeiras intergeracionais, com resultados que podem ser úteis para professores e pesquisadores que buscam compreender o tema. De modo que envolve desde os jogos geracionais, até as relações e interações que acontecem com o entretenimento com as diferentes faixas etárias. Aqui, junto com Libâneo (2002), com destaque para o que foi observado politicamente e pedagogicamente, com a comunidade indígena e com o devido respeito às suas condições econômicas, sociais e culturais.

A quinta seção, traz algumas reflexões sobre intergeracionalidade, objetivando a superação de preconceitos de idade, potencializando o respeito à diversidade e à diferença, aos valores, aos costumes e às identidades individuais ou coletivas, desenvolve conhecimentos, competências, habilidades, atitudes, fomentando o aumento da autoestima e o desenvolvimento pessoal.

Na sexta seção narra-se como eram as brincadeiras indígenas de outrora e como acontecem as aprendizagens por meio do brincar com os indígenas mais velhos. Com apontamentos de autores alcançados em uma pesquisa bibliográfica que defendem em suas publicações o uso das brincadeiras, para que a criança compreenda o mundo à sua volta, aprenda regras, teste habilidades físicas, como correr, pular, aprende a ganhar e perder, dentre outras conquistas (KISHIMOTO, 1999).

Por fim, compartilha-se momentos de vivências com crianças e anciãos indígenas do povo Akwê-Xerente. Com alguns apontamentos dos autores do trabalho sobre as relações que existem no âmbito do Território Indígena e no polo da UMA/UFT em Tocantínia - TO. Ao

passo que a observação não contou com intervenções e busca-se divulgar, no que diz respeito à estrutura física, a administração, a organização do espaço para as atividades lúdicas entre as crianças e os anciãos indígenas Akwê-Xerente.

No entanto, ao fim dessa pesquisa fica um gancho para futuras investigações, no sentido de produzir um material com as brincadeiras relatadas nas entrevistas com os velhos que venha contribuir com a inclusão das brincadeiras indígenas Akwê-Xerente no currículo das escolas do município. Afinal Kishimoto (1999), defende essa prática como uma das principais para que a criança alcance objetivos reais em seu processo de descoberta do mundo, ao mesmo tempo em que envolve seus valores, modos de pensar e agir.

Afinal, no espaço escolar, as brincadeiras assumem o papel de percepções sobre a vida (MERLEAU-PONTY, 1971), com atividades pedagógicas, quando são planejadas em metodologias adotadas para a prática pedagógica, como também a prática intergeracional entre as crianças e as pessoas idosas das UMA/UFT. E neste caminho a vivência dos que assinam este trabalho busca dar a oportunidade a outros de conhecerem as crianças e os anciãos, em suas rotinas de participação e compreensão da realidade pela cultura escolar do brincar (JULIÁ, 2011).

1.1 Memorial da pesquisadora

A pesquisadora, é mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT), é natural do município de Miracema do Tocantins, que em Akwê-Xerente é escrito *Krikahâ dawanã hã* (COTRIM, 2016). Um dos municípios do Estado do Tocantins, que compõem a região metropolitana de Palmas, capital do Estado.

Nasci às margens do Rio Tocantins, como diz minha mãe “no meio do tempo, a luz do luar”. Sob os cuidados e ajuda de minha tia que era Técnica em Enfermagem e atuava na região, com técnicas de saúde, *rowēkwa* em Akwê-Xerente (COTRIM, 2016), envolvem os conhecimentos interculturais de indígenas e não-indígenas.

Essa ligação com minha tia seguiu durante a infância e aprendi em que logo ao nascer fiz a primeira viagem intermunicipal, primeiro em uma canoa atravessando o rio Tocantins e depois, carregada por minha tia acompanhada de minha mãe, que seguiram a pé, até a maternidade na cidade de Miracema do Tocantins, para os cuidados pós-parto.

O caminho marcante foi necessário porque em Tocantínia - TO, cidade em que minha

família morava, não tinha maternidade ou pronto atendimento. Minha tia, profissional da enfermagem, sabia e orientou minha mãe, para o acompanhamento através do Sistema Único de Saúde - SUS, disponível na cidade vizinha.

Com essas e outras lembranças da infância, cresci na cidade de Tocantínia, onde passei por duas instituições de educação em sua formação básica. No Colégio Frei Antônio iniciei o contato com o processo formal de ensino, com técnicas de concentração, novos hábitos e culturas ligadas ao aprendizado.

Continuei os estudos no Colégio Frei Antônio, uma escola de referência na cidade, por ter recebido em suas cadeiras várias autoridades locais e que estão em postos sociais de destaque no Estado do Tocantins. Ali, senti motivação para pensar em um mundo melhor, entender melhor as pessoas, ter forças para criar e direcionar comportamentos em prol da paz e da justiça social.

Essa energia direcionou o meu comportamento, e fui impulsionada por alguns professores, dos quais me recordo os momentos que brincava, ora dentro da sala de aula, ora debaixo das árvores que eram alcançadas nas atividades lúdicas e educativas. Lembranças que faz lembrar da importância do brincar, seja como uma excelente estratégia de ensino e aprendizado, seja como vivências em diferentes processos sociais.

Esses momentos, essas aprendizagens e interações interculturais e intergeracionais, permitiram que seu o processo de alfabetização e outras fases da educação básica tivesse um significado prazeroso e, por meio das brincadeiras, adquiri muitos conhecimentos úteis para minha vida até os dias de hoje. Como, por exemplo, o sentimento de respeito, que nos impede de fazer ou dizer coisas desagradáveis a alguém.

Destaco que, em minha caminhada escolar, não tive acesso a mídias digitais ou brinquedos eletrônicos, de modo que as brincadeiras foram o grande canal de transmissão de cultura e valores, relacionados aos costumes, as lendas, ritos, usos, crenças e outras aprendizagens que envolvem esse momento.

Sobre os professores que marcaram esse caminho, posso citar uma das poucas figuras masculinas desse universo, o professor André Ribeiro de Goveia, que demonstrava em seus processos formativos a preocupação com metodologias dinâmicas e transmitia sinceridade em suas atuações como quem sempre gostou de ensinar, transmitir seus conhecimentos e ensinamentos aos alunos que alcançava.

Essa marca com o professor André envolve o fato de que ele sempre preocupou-se em

trabalhar por meio de brincadeiras, gincanas e desafios lúdicos que iam além de recursos didáticos. Eles proporcionaram aprendizagens e divertimento que marcaram minhas habilidades motoras e intelectuais, fixou conteúdos de forma prazerosa e envolvente, e permitiu construir uma aprendizagem de forma marcante.

Seguindo neste universo de aprendizagem, despertei o gosto pela leitura de maneira lúdica e divertida e continei na mesma instituição até a etapa do Ensino Médio. Deste período, recordo de algumas mudanças que ultrapassaram a estrutura física e na matriz curricular. Hoje sei que vivenciei uma mudança no Projeto Político Pedagógico (PPP), e sabe como tais mudanças balizam a atuação de uma instituição de ensino.

Por consequência, as mudanças na prática pedagógica da escola alcançaram desde a gestão até as atividades educacionais. Por exemplo, a escola passou a ser chamada de Centro Educacional Fé e Alegria - Frei Antônio, por exigência do convênio firmado com a Fundação Fé e Alegria. E essa ampliação passou a trazer mais alunos de escolas e municípios vizinhos.

Outra mudança, que envolve, também a nova etapa de educação, foi o distanciamento das brincadeiras, afinal, já adolescente “deixei as coisas de criança”, como pensava na época. Entretanto, outros divertimentos envolveram essa fase, como as práticas esportivas e os jogos que faziam parte de atividades físicas e intelectuais, dentro da escola e em times do bairro.

Nesses espaços recreativos continuou sua aprendizagem sobre trabalho em equipe e regras que a definem como pessoa. Aprendi que o importante é participar e que todos ganham ao interagir e competir. Lembro-me e bem dos jogos que mais participei, com histórico de vitórias na modalidade Voleibol, jogos de interesse entre os adolescentes estudantes da época.

Diante da conclusão do ensino médio, deparei com o desafio de continuar os estudos na Educação Superior, pois o município de Tocantínia não dispunha de uma Instituição de Ensino Superior e para vencê-lo foi necessário manter uma rotina de deslocamento diário para a cidade vizinha de Miracema do Tocantins para cursar licenciatura em Pedagogia.

A opção pela graduação em Pedagogia auxiliou na compreensão de conceitos como o do lúdico na educação, compreendeu as estratégias que pode alcançar no processo de ensino e aprendizagem, ao trabalhar com jogos, brincadeiras e exercícios que envolvam a imaginação e a fantasia do aluno. O encanto fez lembrar da minha infância e de como a ludicidade foi um instrumento potente para o processo de ensino-aprendizagem e formação humana.

Para alcançar a primeira diplomação e receber o título de Pedagoga, venci desafios físicos e intelectuais, pois saía muito cedo de casa para chegar no horário da aula, de bicicleta,

o principal meio de transporte que dispunha, para seguir viagem, após a travessia do Rio Tocantins agora por meio de uma Balsa. Além de dificuldades que envolveram deficiências no ensino básico, que exigiram dedicação extra para compreender conceitos carentes em seus estudos.

Foi também em Tocantínia que tive o primeiro emprego na área da educação com 18 anos de idade na Escola Estadual Antônio Benvindo da Luz, como professora substituta das séries iniciais do Ensino Fundamental. Recordo bem da professora Maria Dalva conhecida como tia Dalva que em outrora foi sua primeira professora, ambas professoras na Unidade Escolar, que ensinava a valorizar as brincadeiras como ferramenta para aprendizagem bem como preservar as brincadeiras tradicionais.

Com ela aprendi a iniciar as aulas com jogos e brincadeiras entre seus alunos, de modo que a cada dia fazia uma brincadeira diferente. Eram atividades surpresa, planejadas para cativar e aproximar os alunos, como também introduzir o conteúdo que seria abordado no dia. Uma acolhida o que deixava os estudantes apreensivos pelo que poderia acontecer em cada aula.

Nesse caminho de sala de aula aproximou-se melhor dos estudantes indígenas e seus familiares, apesar de ter um meio-irmão indígena, conhecia pouco sobre a cultura Akwê-Xerente. E, no dia a dia, fui percebendo que as crianças indígenas na sua maioria eram tímidas e não gostavam de participar das brincadeiras não indígenas. Foi então que despertou o interesse em conhecer como eram as brincadeiras indígenas nas escolas das aldeias.

Com as visitas e investigações descobriu que as crianças aprendiam as brincadeiras com os indígenas mais velhos, chamados de anciãos, e neste caminho lembrou-se de seu tio Antônio Carlos, conhecido como “Chabinha”, que participava da UMA/UFT na cidade de Miracema do Tocantins, e era um defensor da interação entre velhos e crianças para ampliar as aprendizagens de ambos.

Ao se aproximar desse universo, conheceu a professora Doutora Neila Barbosa Osório, idealizadora da UMA/UFT, e ampliou seus conhecimentos com as interações educativas que passou a ter com o polo da Tecnologia Social. Ao cursar, a disciplina de Tópicos Especiais em Educação Intergeracional e as novas aprendizagens reforçou o interesse por estudos relacionados ao envelhecimento humano.

Atualmente colaboro com a UMA/UFT polo de Tocantínia - TO, onde atuo diretamente com os indígenas, que reforça o interesse em conhece melhor a cultura Akwê-

Xerente. De modo que neste espaço, assumo a posição de pesquisadora participante, com oportunidades de conhecer de perto as brincadeiras indígenas e aproveitar métodos da Educação intergeracional para resgatar e compartilhar essas brincadeiras.

Este trabalho é, portanto, uma proposta para contribuir no universo da pesquisa acadêmica, tornou-se exercício de estudo, cujo objetivo principal é a aprendizagem diante do resultado da investigação que envolve as comunidades indígenas tocantinienses, e as propostas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFT. Além de alcançar o projeto político pedagógico da UMA/UFT, onde atuo em prol do reconhecimento de saberes e competências das pessoas idosas.

1.3 Um diário de bordo

Compartilha-se aqui o diário de bordo da disciplina Tópicos Especiais: Fundamentos da Pedagogia Freireana no formato de memorial descritivo e analítico. Tendo em vista que a disciplina possibilitou compreender o significado das noções de escuta, fala, leitura, escrita, diálogo estabelecendo fundamentação teórica para compreender as aulas ministradas na Universidade da Maturidade, reforçando a relação de proximidade, respeito e afetividade com os anciãos do povo akwê Xerente. Através de encontros, inteirar-se e apropriar-se das suas histórias, saberes e valores, bem como do vocabulário específico de cada grupo através de atividades que envolveram diferentes linguagens: exposição dialogada, leitura e escrita de textos de Freire, escuta e assistência de filmes, música e poesias.

No primeiro momento, iniciou com o tema “Aprender a escutar e aprender a leitura” tendo como base a obra de Paulo Freire, “A importância do ato de ler”, construída em cima de três artigos do autor: A importância do Ato de ler; Alfabetização de adultos e bibliotecas populares – uma introdução e O povo diz a sua palavra ou a alfabetização em São Tomé e Príncipe. O autor esclarece que a leitura da palavra é precedida da leitura do mundo e também enfatiza a importância crítica da leitura na alfabetização não só de adultos, mas de crianças também. Relata o papel do educador dentro de uma educação, onde o seu fazer deve ser vivenciado, com uma prática concreta de libertação e construção do conhecimento, inserindo o alfabetizando num processo criador, de que ele é também um sujeito.

A leitura me fez perceber que aprender a ler, escrever, alfabetizar-se, é antes de tudo aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. E aqui faz-se o elo

com a UMA que se constitui em um espaço de relações intergeracionais, em que há a escuta, ouvir o que o outro tem a dizer, e o que diz sem falar, desenvolver e despertar sensações e sentimentos, há o envolvimento de todos, idosos, jovens e adultos, todas as gerações que se comunicam como cúmplices, em que ao idoso é dada atenção, há compreensão da condição humana, das atitudes, há empatia, sentimentos e intenções, é permitido ao outro colocar-se diante de nós.

Seguindo com o plano de estudo, ouvi a música de Chico Buarque “Construção” e me chamou a atenção, pela melodia, ritmo e letra, na qual retrata o cotidiano de um trabalhador na construção civil. Logo na estrofe inicial narra o começo do dia de um trabalhador que ama sua mulher e o filho, mas precisa se despedir da família e partir para o trabalho.

Relata o seu dia de trabalho árduo na construção e o modo como vai, aos poucos, erguendo o edifício. No decorrer da música percebi que a alienação do trabalho marca o operário como uma máquina, destituída de características humanas, que serve apenas para executar ações. E por fim, a morte em serviço é tratada como um empecilho, não como uma tragédia. A desumanização do trabalhador.

Apreciei a música “Esquiva da Esgrima” – Criolo, essa música não faz parte do que eu costumo ouvir, porém a letra me chamou atenção pois ele dispara várias críticas desde autoridade da polícia (Cada cassetete é um chicote para um tronco), racismo (A cor da minha pele, eu sei, tem quem critica) e até Copa (Uma bola pra chutar, país pra afundar). Traz uma reflexão muito boa para a sociedade.

Ao escutar a música de Gilberto Gil “Se eu quiser falar com Deus”, já salvei na playlist de favoritas. A letra da música relata que silêncio e solidão é fundamental para ter um encontro com Deus. Será impossível ouvir sua voz sem que não calemos a nossa. Precisamos aquietar a nossa alma, como uma criança quando deita no colo de seu pai. Não deve haver nenhum tipo de preocupação, medo ou ansiedade em nós. Temos que nos perder no tempo. Perder a lógica. Abrir mão das barganhas. Saber que dele não há nada que se possa esconder.

No trecho da música “Se eu quiser falar com Deus, Tenho que aceitar a dor, Tenho que comer o pão, Que o diabo amassou”, para quem se aproxima de Deus, é necessário que saiba aceitar a dor. O sofrimento é o elemento responsável por nos fazer crescer em todos os aspectos da vida.

Sobre o filme “Narradores de Javé”, ao assistir percebe-se a importância da leitura e escrita na vida de cada pessoa. Relata a triste realidade de uma grande porcentagem de pessoas

no Brasil, que é o analfabetismo.

Narradores de Javé retrata o perfil de muitas comunidades carentes do Brasil e as dificuldades de suas lutas. Nos mostra a dinâmica de transição da tradição oral para a tradição escrita, e como diz o próprio Biá “uma coisa é o fato acontecido, outra é o fato escrito”. Neste sentido, o filme me leva a refletir sobre a importância da leitura e escrita para o desenvolvimento social do país e, conseqüentemente, para o exercício da cidadania. Contextualizando com os ensinamentos de Paulo Freire no que se refere a Educação de Jovens e Adultos, ressalta-se a importância da valorização das histórias individuais e coletivas de cada pessoa.

O filme assistido, contribuiu para realização das entrevistas com o público alvo, acadêmicos da UMA/UFT, pois para desenvolver tal pesquisa, é preciso olhar a oralidade não só como ausência de letramento, mas como forma de construção cultural de um povo, e nela permanecem abundantes formas de narrar como imagens, gestos, cantorias, sussurros etc..

Fugindo um pouco da atividade da disciplina, quero mencionar que o filme me lembra um recente acontecimento que nós moradores de Tocantina, Miracema e arredores vivenciamos, quando um “boato” que a barragem da usina de Luis Eduardo Magalhães em Lajeado, havia estourado, e povo alvoroçado abandonaram suas casas e saíram para um ponto mais alto da cidade na zona rural. Comparo com filme assistido em relação as diversas (histórias, músicas, matérias online, poemas e poesias) que foram contadas após o acontecido, podendo assim ser discutidos os impactos reais que a mesma casou, em comparação com os do filme e que ficará marcada na história da cidade.

Em sequencia com o programa da disciplina, pude apreciar o filme “O Carteiro e o Poeta” que não se resume à vida do poeta no exílio, mas sim a relação que ele estabelece com o carteiro. Percebi como o conhecimento transmitido é capaz de transformar a vida de um homem simples, que almeja compreender o mundo além de barcos, redes de pescar e os limites geográficos da pequena ilha.

No decorrer do filme, o carteiro vai adquirindo uma nova visão de mundo a partir das poesias, suas relações com a sociedade se modificam. Comparando com os estudos de Paulo Freire em seus ensinamentos, o poeta ensinou ao carteiro metáforas utilizando seu conhecimento de mundo, o mundo das pessoas, do trabalho, os conflitos sociais e da política.

O filme também retrata a luta das classes desfavorecidas por justiça social e o

analfabetismo na ilha. Traz uma visão política, onde o carteiro começa a compreender os abusos cometidos pelos poderes locais, a exploração dos pescadores e a manipulação das eleições.

A história do carteiro está presente em nossa realidade, pois convivemos com uma multidão de leitores, que apresentam as mesmas características de Mário, que aos poucos, foi conhecendo o ato de ler, o fazer poético, o que fez com que a leitura interferisse totalmente em sua vida.

Assisti também o filme “Uma vida em segredo”, onde a história é centrada na figura humilde, roceira de Biela, moça desapegada dos bens materiais, apegada somente às suas lembranças da roça onde foi criada. O filme apresenta homens e mulheres definindo as diferenças e funções de cada um, retratando a sociedade interiorana daquela época, onde o homem era tido como dotado de mais poder e mantenedor da família, devendo prover o sustento da mesma, enquanto a mulher, ficava responsável pela educação dos filhos e gerenciamento da casa.

Como mostra a vida de Biela, que embora sendo uma mulher de posses, não possuía consciência de seu poder financeiro e status social. Apresentava-se apagada e submissa, não possuindo voz ativa nas questões as quais lhe diziam respeito. Retrata que a mulher era incapaz de gerir seus negócios e tomar decisões que extrapolassem o âmbito familiar, sua principal função era cuidar da casa, do marido e da educação dos filhos. Algo bem diferente de dos dias atuais.

A segunda parte, teve como tema aprender a fala e a escrita, concentrando em aprender a importância da autonomia da fala e o ato político da escrita. A leitura base foi “A educação como prática da liberdade”. Iniciei os estudos dessa segunda parte, assistindo o filme “Escritores da liberdade”, o qual me levou a refletir sobre a função do professor que não deve prender somente ao plano curricular obrigatório, devendo assim saltar além, adequando o ensino de acordo com a necessidade e realidade dos alunos.

No filme pude perceber dois tipos de professor; aquele que se limita em apenas executar o plano proposto pela instituição, criando um pré-conceito de que os alunos não são merecedores de algo além do mínimo oferecido pela escola e o outro lado do profissional que exerce uma função que vai além da sala de aula, que interage com a vida do aluno, buscando recursos didáticos apropriados para reverter o comportamento dos mesmos, os colocando numa dimensão reflexiva, fornecendo a oportunidade de novas experiências.

Neste sentido, o filme assistido retrata a importância de conhecer a realidade familiar e social de cada aluno, pois ela diz muito a respeito de seu comportamento em sala de aula, e a partir do conhecimento da vida extraclasse de seus alunos o professor é capaz de desenvolver maneiras de conquistá-los, promovendo um aprender mais prazeroso e que faça sentido à realidade de cada um, despertando o amor pela busca constante do saber.

Assistindo o filme “O grande desafio” e pude confirmar que o um bom professor é fundamental na vida dos alunos. Que filme! Gostei muito, pois retrata o preconceito racial, mostra que muitos negros, apesar de toda a dificuldade e resistência por parte da sociedade destacam-se academicamente por seus esforços.

Percebi que aquele grupo de alunos não se fazia de vítima diante de tantas atrocidades cometidas, ao contrário, com educação e conhecimento somavam esforços para mostrar a todos a gravidade das injustiças cometidas com aquelas pessoas negras, que não podiam entrar no ônibus dos brancos, e que eram queimadas por se mostrarem contrários a atitudes assim.

Prendeu minha atenção por ser baseado em fatos reais e por mostrar a perseverança de um professor que fazia de seus alunos homens e mulheres, não apenas alunos. Os fazia pensar e desafiava constantemente preparando-os para a universidade e para a sociedade. O filme mostra a humilhação, separação,mas também a luta de um grupo que acreditava que poderia ser diferente.

Ouvi a música de Gabriel pensador “Até quando?” que traz um grito de liberdade retratando os diversos problemas sociais, que a sociedade brasileira enfrenta e a postura passiva que os cidadãos têm diante delas. A música traz um apelo para as pessoas agirem, de maneira crítica e reflexiva a fim de que não fiquem de braços cruzados, que não sejam omissas diante da dificuldade e dos problemas.

Há uma forte crítica social e política nessa música que é muito válida, principalmente para a população lutar pelo seus ideais e não se omitir nessas situações e não ficar sem fazer absolutamente nada. Sendo assim, a música é um alerta para que a sociedade não se acostume a mesmice dos problemas por elas vivenciados, mas antes sejam agentes transformadores, exercendo seus papéis de cidadãos críticos e reflexivos.

Li o livro de Manoel Bandeira que retrata em seu primeiro capítulo “Arte de infantilizar formigas” onde apresenta passagens da infância do autor. A relação com o universo infantil é essencial nesta parte do livro e vai insinuar vários fatores, entre eles, a valorização da pequenas coisas, da simplicidade, das insignificâncias.

O autor enaltece coisinhas sem santidade como os urinóis enferrujados apregoados pelo avô, bem como garças, rolinhas, rãs, lagartos, trastes, formigas, violetas e outras coisas emprestáveis. Tudo o que Manoel apresenta como “nada” representa o que aparentemente é inútil, “tudo o que use o abandono por dentro e por fora”. A exaltação das inutilidades é visível ao longo de toda a obra, em detrimento do que é tido como indispensável.

Poema sujo Ferreira Gullar, em termos estilísticos, a composição é uma mescla das várias fases do poeta. Há trechos, por exemplo, rigorosos em relação a métrica e a rima, e há trechos completamente despojados de qualquer preocupação formal.

Percebi momentos repletos de onomatopéias e com orientações diretas que descreve tudo o que havia em sua memória. O autor expressa, a partir de seu poema, as angústias que foram acumuladas no decorrer do tempo, mostrando, mesmo que subjetivamente, as suas contestações frente à situação do Brasil, marcado pela repressão política.

Assisti o filme sobre a história de Kaspar Hauser, que após o nascimento foi mantido num lugar escondido e longe de qualquer contato social. É um filme denso, que nos mostra uma visão sobre a humanidade e faz uma reflexão sobre a unicidade do ser humano, da história de vida e experiências de cada um, e sobre o quanto linguagem e cultura representam para o desenvolvimento do indivíduo.

O filme retrata a trajetória de vida, e o triste resultado de sua carência de cultura de cultura e do não desenvolvimento da linguagem. O total isolamento na caverna por tanto tempo, impactou fortemente sua formação como indivíduo. Ao ouvir a música “Bichos escrotos”, observei a presença de rimas entre as palavras, tanto no final como no meio dos versos. Percebi a presença de metáforas para fugir de padrões estéticos musicais e morais. Uma letra engraçada com um ritmo bom.

Li a obra “Educação como Prática da Liberdade” de Paulo Freire, que inicia com um texto de apresentação de autoria de Francisco C. Weffort onde ele traz algumas reflexões destacando o movimento de educação popular como algo além do campo pedagógico, voltado a uma visão de liberdade, de uma pedagogia participativa e crítica, referindo à alfabetização como um instrumento de libertação do homem com base no diálogo direcionado às massas oprimidas.

Seguindo a leitura, no primeiro capítulo, Sociedade brasileira em transição, Paulo Freire destaca o processo existencial do homem, sua relação com sua realidade, com o mundo e sua cultura, de criar e recriar a sua história. Traz a necessidade de integração como uma

forma de ajustamento e modificação dessa sociedade, de uma atitude crítica, superando o alinhamento da acomodação. Enfatiza a necessidade de interagir e dialogar com o outro, criar, refletir e se transformar continuamente.

Ao ler esse capítulo percebi que o homem, como sujeito político e social, precisa saber do seu valor e do seu papel na sociedade e não apenas estar no mundo para se acomodar e se ajustar, pois o homem é sujeito não só de sua transformação, mas também da sociedade, em união com os outros.

No segundo capítulo, Freire resgata, a história e as características do Brasil no período colonial, esclarecendo a inexistência da participação popular. Ressalta que a dialogação implica a responsabilidade social e política do homem. Ou seja, implica um mínimo de consciência transitiva, que não se desenvolve nas condições oferecidas pelo grande domínio sem o diálogo. O Brasil passava por um momento de transição, de uma sociedade rural para uma sociedade mais urbana e industrial, por isso necessitava de uma educação que pudesse atender às necessidades do povo para que este pudesse exercer a sua cidadania e usufruir de uma vida mais plena.

O autor destaca algumas questões importantes como a compreensão de uma sociedade brasileira fechada, colonial e antidemocrata utilizada como ponto de partida para a transição e a importância de se compreender o ontem para posteriormente avançar. Afirma que a inexperience democrática provém de um processo de acomodação e de ajustamento, tornando os homens passivos e submissos. Ressalta a superação da inexperience democrática para a experiência da participação.

No terceiro capítulo, Educação versus massificação, o autor faz uma crítica à educação tradicional nas práticas pedagógicas das escolas. Apontando para a superação dessa situação, demonstrando a crença na pessoa humana e na sua capacidade de educar-se como sujeito crítico. Ressalta a educação como ferramenta no processo de democratização e de formação do homem em prol da transitividade crítica, de tomada de consciência que promova a criticidade utilizando o diálogo como processo de construção desse sujeito.

No quarto e último capítulo, Educação e conscientização, Paulo Freire explica minuciosamente o Método de alfabetização de adultos. Cita experiências de alfabetização de adultos em áreas urbanas, proletárias e rurais, em específico, o Movimento de Cultura Popular do Recife. Esclarece que esse processo não ocorre de maneira mecânica a partir do simples aprendizado de técnicas de leitura e escrita desconectadas da realidade dos homens, mas sim

de um domínio consciente dessa técnica orientado pelo educador, o qual proporciona ao alfabetizando.

Enfim, através dessa obra de Paulo Freire pude perceber que nos anos 60 a sociedade brasileira encontrava-se com altos índices de analfabetismo, além de uma fase de expansionismo industrial. E que é nesse campo que surgem as ideias voltadas à participação popular por intermédio de uma educação democrática, ou seja, a passagem de uma transitividade ingênua para uma transitividade crítica, a busca de um homem que deixa de ser submisso e alienado e passa a exercer um papel de sujeito transformador na sociedade.

A terceira parte dos estudos da disciplina teve o foco em “Aprender o diálogo e Aprender o humano”, embasado na obra de Freire Pedagogia do Oprimido. Iniciei assistindo ao filme “Encontros e desencontros”, o qual considero um poema audiovisual sobre a vida e as escolhas que fazemos, percebi que obra foca em dois personagens retratando sem preconceitos dois momentos da vida do ser humano e de praticamente todos nós, que pode ser classificados como o início da vida independente e a meia- idade.

Retrata a dificuldade de diálogos, em não expressar o próprio sentimento, simplesmente deixar a vida seguir, obedecendo aos comandos dos outros e as vezes esquecendo-se de si próprio. o que eu filtro desse filme é que Muitas vezes abrimos mão do diálogo, por dificuldade em se expressar, outras vezes apenas por não querer dá explicações, e assim vamos seguindo a vida.

O filme é um aprendizado sobre as pessoas e nos exige atenção para ser absorvido e utilizado como uma lição. Alguns têm a sorte de se encontrar mais rapidamente. Outros, demoram mais ou nunca se encontram. Mas a vida segue e escolhas têm que ser feitas. Em seguida assisti ao filme “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”, que retrata a realidade do povo da cidade de Toritama- Pernambuco, em que o povo pensa ser dono de seu próprio tempo, ter autonomia trabalhista, quando na verdade vive um comodismo.

O enredo gira em torno dos diálogos com os moradores, que falam sobre a alegria de serem donos do próprio negócio, mas ao mesmo tempo demonstra a falta de estrutura nos ambientes de trabalho, a falta de férias, as quais só acontecem no carnaval, e para isso os moradores da pequena cidade, os mesmos que se são donos de seu tempo e de seu salário, precisam vender até seus móveis para ter pouquíssimos dias de descanso, que logo retorna para vida cotidiana de uma produção insalubre.

Dando sequência para o próximo filme sugerido, “Rede de Ódio”, um filme com um

enredo forte, que começa como um romance às avessas e termina como uma vingança movida pela ambição e pelo ódio. As cenas no decorrer do filme incluem relacionamentos interpessoais, família, trabalho, amizade, redes sociais com as fake news, sentimentos, patologias psicológicas, enfim retrata vários aspectos principalmente a violência regada pelo ódio de uma aceitação pessoal e sentimental a qualquer custo.

O filme é um convite à reflexão pois destaca muito bem a parte negativa da utilização das redes sociais como forma de propagação da raiva, da mentira, da degradação, da desinformação, para destruir as outras pessoas.

A música “Roupa velha colorida”, uma melodia boa de se ouvir, que vai ao encontro para entender o ser humano, que a mudança faz parte da nossa vida e que precisamos respeitar e valorizar essas mudanças bem como o passado e os velhos, pois aquilo que hoje é novo amanhã será velho, isso é muito relevante. Ouvi a música, O Patrão Nosso de Cada Dia, e senti uma grande tranquilidade e paz de espírito, pois, a melodia é muito tranquila e nos dar uma sensação muito boa.

O livro Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, traz a questão opressor e oprimido. Ele discute o processo de desumanização causada pelo opressor a seus oprimidos, relatando que a libertação de opressão é uma ação social, não podendo, portanto, acontecer isoladamente. Enfatiza que o homem é um ser social e a sua transformação deve acontecer em sociedade.

Durante a leitura percebi que o autor busca mostrar que o ensinar a não pensar é algo puramente planejado pelos que estão no poder, para que possam ter em suas mãos a maior quantidade possível de oprimidos, que uma vez fragilizados, necessitam dos que dominam para sobreviverem. E no decorrer do livro, fica claro que Paulo Freire procura conscientizar o docente do seu papel.

O autor aborda a concepção bancária da educação como instrumento de opressão. Ele traz a discussão de que é o professor quem faz o seu aluno um mero depositário, ao considerar o aluno como incapaz de produzir conhecimento, e desconsiderar-se como um ser em formação contínua.

Traz uma parte que me marcou muito durante a leitura onde Paulo Freire, relata que ensinar a pensar e problematizar sobre a sua realidade é a forma correta de se reproduzir conhecimento, pois é a partir daí que o educando terá a capacidade de compreender-se como um ser social.

Uma vez conhecendo sua situação na sociedade, o educando jamais se curvará para a condição de oprimido, pois seu lema será a igualdade e por ela buscará. E tudo isso só será possível através do diálogo entre professores e alunos, ou seja, eu enquanto professora aprendo enquanto dialogo com meus educandos, pois Paulo Freire relata que a “dialogicidade é a essência da educação como prática de liberdade”.

A obra também trata da “teoria da ação antidialógica”, na qual relata a importância de o homem como ser pensante sobre o mundo, e descreve que alguns elementos utilizados para a realização dessa dominação, ou seja, impor jeitosamente sua cultura sobre o opressor, a divisão das massas para poder dominá-las, pois, povo unido é sinal de perigo de desordem, e assim a minoria dominante impõem sua visão de mundo e todos se guiam por ele.

Por fim, Paulo Freire nos ensina por meio de suas teorias e práticas a capacidade de sonhar um mundo mais humano, de promover uma sociedade mais justa e de lutar contra qualquer tipo de opressão. E é neste viés que, a UMA/UFT busca trabalhar com os ancião/velhos, valorizando e respeitando a cultura akwê Xerente, vivenciando práticas educativas através da intergeracionalidade que sirvam para futuras gerações conhecer sobre a cultura de um povo.

2 METODOLOGIA

2.1 A pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica foi feita em quatro etapas, tendo em vista que é uma atividade que faz parte de todo processo de investigação e percepções científicas (MERLEAU-PONTY, 1971), considerada pelo envolvimento de um conjunto de procedimentos para identificar informações que já estão publicadas em livros, revistas e outros meios de divulgação científica (MARCONI e LAKATOS, 2003).

De modo que foram selecionados documentos, livros, capítulos de livros, artigos e resumos de trabalhos, pertinentes ao tema de brincadeiras intergeracionais entre crianças e pessoas idosas, territórios indígenas, a UMA/UFT, e como essas relações envolvem as práticas educativas e os Saberes Docentes, envolvidas, no caso, com os Akwê-Xerente (MERLEAU-PONTY, 1971).

Com o estudado, procedeu-se às respectivas anotações e fichamentos das referências alcançadas, com o cuidado de envolver dados organizados por datas e suas respectivas páginas, autores, anotações e outras características que facilitam o encontro e uso dos

documentos em momento posterior (MARCONI e LAKATOS, 2003, MINAYO, 2008 e STUMPF, 2010).

Sabedores de que a pesquisa bibliográfica permitiria a identificação, seleção, localização e obtenção de documentos de interesse para a realização da pesquisa científica sobre o tema que buscou-se neste trabalho (MERLEAU-PONTY, 1971). Destaca-se a realização de uma Revisão de Literatura, ou seja, anotações que apontassem e reconhecessem o que já foi estudado sobre o brincar entre crianças e jovens e outros temas desta abordagem.

A pesquisa, portanto, acompanhou um rigor de trabalho acadêmico e científico, pois, desde a sua concepção até sua conclusão busca-se o amparo teórico de pessoas que já pesquisam e escrevem sobre o tema há tempos (MARCONI e LAKATOS, 2003). Desde a identificação do problema, seleção dos objetivos deste estudo, depois, quando construiu-se a fundamentação teórica e conceitual, no momento de se escolher as metodologias e como os dados coletados seriam efetivamente analisados (GIL, 2008).

Esta consulta à literatura pertinente foi necessária e útil, pois, a pesquisa bibliográfica em pauta, conseguiu ir além da revisão de literatura, e possibilitou que os autores encontrassem instrumentos de pesquisa, procedimentos e amostragens possíveis para alcançar a solução do problema proposto, junto aos Akwê-Xerente e ao Território Indígena de Tocantínia - TO (MARCONI e LAKATOS, 2003, MINAYO, 2008 e STUMPF, 2010).

Afinal, mesmo com residência e atuação profissional dentro do Território Indígena que foi o *locus* desta pesquisa, a leitura de outras investigações relacionadas auxiliaram na compreensão de fatos vivenciados e outros que não foram alcançados diretamente pelos pesquisadores que assinam esta produção (MERLEAU-PONTY, 1971).

De modo que o assunto que envolve a comunidade Akwê-Xerente, por exemplo, exigiu alguns instrumentos já prontos, escritos e compartilhados por outros autores que facilitaram compreensões concretas sobre o que foi percebido e materializado nesta produção, tendo em vista que, devidamente, referenciados, são utilizados e citados, sem precisar criar novos (MINAYO, 2008 e STUMPF, 2010).

A primeira etapa foi o planejamento e a busca por palavras-chave. De modo que, para realização desta etapa, escolhemos as palavras: brincar, crianças, indígenas, Akwê-Xerente, UMA/UFT, brincadeiras, Território Indígena, Tocantínia - TO e pessoas idosas (MARCONI e LAKATOS, 2003). E alcançamos como objetos de estudo, termos e produções com base nesses itens (MERLEAU-PONTY, 1971 e STUMPF, 2010).

Para organizar o que era encontrado, foram construídos esquemas provisórios, anotações em um Caderno de Fichamento (GIL, 2008), e em planilhas do computador, com destaques aos temas, subtemas, objetivos e assuntos relacionados que estivessem intimamente ou aproximadamente ligados e identificados com as palavras-chave que potencializam a busca (MARCONI e LAKATOS, 2003).

Com as palavras-chave diferentes, buscamos o cuidado para o significado e a precisão de que elas estivessem presentes no contexto dos objetivos que propomos investigar (MARCONI e LAKATOS, 2003), pois alguns termos acabavam seguindo outros caminhos e, além disso, envolviam sinônimos ou termos mais gerais que não foram úteis para nosso objetivo, neste trabalho.

Especificamente relacionados ao tema e ao objeto em estudo, encontramos vários textos de trabalhos teóricos publicados em livros, capítulos de livros, artigos em revistas e periódicos, além de anais de eventos (MARCONI e LAKATOS, 2003). Com apontamentos de outros estudos e pesquisas relacionados aos nossos objetivos.

A segunda etapa foi uma consulta nas principais fontes que elencamos na primeira, e nelas fizemos um levantamento bibliográfico mais detalhado, com a devida identificação e classificação do que foi encontrado em: artigos, teses, dissertações, livros e/ou capítulos (MINAYO, 2008). Organização que garantiu outros materiais e que serviu de suporte ao estudo pretendido, principalmente quanto às análises de dados e interpretações possíveis das percepções alcançadas (MARCONI e LAKATOS, 2003).

Como resultado da segunda etapa, destacamos uma lista extensa com vários trabalhos representativos que foram úteis para compreendermos melhor o tema e as investigações que tivemos (MINAYO, 2008). Tendo em vista que relacionamos todos os materiais e, vale destacar, com uma avaliação pessoal do que foi considerado, por nós, interessante (GIL, 2008 e STUMPF, 2010).

Na terceira etapa da pesquisa bibliográfica, aprofundamos a leitura e a transcrição de dados para a organização do fichamento, com base nos documentos selecionados e, também, com outros que foram alcançados por meio destes. De modo que tais leituras estabeleceram uma prioridade à temática do brincar, e depois da relação intergeracional entre crianças e pessoas idosas; para, por fim, alcançar o Território Indígenas Akwê-Xerente e a UMA/UFT.

Essa etapa foi uma base potencial para o trabalho, pois para cada leitura, buscamos registrar uma referência na forma de fichamento, com algo que pudesse ser importante e útil

para os objetivos deste trabalho lido (GIL, 2008). Vale destacar que essa anotação envolvia: autor, ano, páginas iniciais e finais (MINAYO, 2008).

Também foi nesta etapa que iniciamos os comentários, anotações e apontamentos que se tornaram, depois, nossas citações indiretas, presentes no corpo de todo esse trabalho, Anotações que reforçaram, justificaram, fizeram contraposições ou ilustrações das idéias e dos posicionamentos que aqui apresentamos direta, ou indiretamente (GIL, 2008).

Por fim, na quarta etapa da pesquisa bibliográfica, continuamos com a escrita desta proposta, para isso, tentamos organizar um esquema, com uma sequência de idéias lógicas, que ficou bem parecida com o Sumário deste trabalho (MINAYO, 2008 e STUMPF, 2010). Depois, fizemos relações como o material que alcançamos e os tópicos mais importantes dos textos, em cada ponto aqui estabelecido.

Essa esquematização em tópicos foi importante ao estabelecer uma hierarquia e uma coerência lógica sobre o que apresentaríamos primeiro, ao meio e por último. Vale destacar que seguimos, para isso, o que está posto nos manuais da UFT para escrita acadêmica e para apresentação deste trabalho. E, dessa forma, chegamos a estrutura que aqui se apresenta.

Vale apontar e registrar que as ideias que envolvem a temática deste trabalho vão além desta pesquisa bibliográfica, pois os autores vivenciam as brincadeiras entre crianças e anciãos indígenas em suas rotinas de trabalho e de vida pessoal (MINAYO, 2008 e STUMPF, 2010). Portanto, as citações e análises sistematizam percepções do que foi lido e vivido no tempo deste trabalho. Afinal, elas podem, em alguns momentos não se encaixar exatamente no seu contexto, mas foram registradas por terem valor para quem escreveu.

2.2 O Estudo de Caso

A parte do estudo de caso foi realizada criteriosamente com os cuidados que alcançassem a credibilidade ética e a relevância valorizada pelo mundo científico. De modo que buscamos examinar as características das brincadeiras entre crianças e anciãos indígenas, (MERLEAU-PONTY, 1971 e STUMPF, 2010) no âmbito do Território Indígenas Akwê-Xerente e da UMA/UFT, para garantir a devida distinção de outras pesquisas que envolveram a temática (MINAYO, 2008 e STUMPF, 2010).

A investigação foi, portanto, empírica e estudou o fenômeno contemporâneo de envelhecimento humano e suas relações com as outras gerações mais novas, em um contexto de vida real, no caso, do povo indígena Akwê-Xerente (GIL, 2008). E teve como limite de espaço

e tempo (GADOTTI, 2003), as relações que acontecem no âmbito da UMA/UFT, polo de Tocantínia - TO.

Após definidos esses limites entre o fenômeno estudado e o contexto, partimos para o desafio de distinguir o trabalho em pauta de outros estudos de caso que acontecem e que estão devidamente publicados em outros tipos de divulgação científica (MERLEAU-PONTY, 1971 e STUMPF, 2010). Para isso, a pesquisa bibliográfica foi útil e indispensável por envolver o pensamento de como outras pesquisas alcançaram os objetivos propostos (GIL, 2008).

Ele também possui uma combinação de vários estudos de casos individuais, tendo em vista que desde o Memorial aqui apresentado, envolve pessoas distintas que foram alcançadas neste trabalho (MINAYO, 2008 e STUMPF, 2010). Justifica-se que nem todas são citadas diretamente, mas são importantes meios de interpretação do que foi posto como metodologia ideal, nos momentos de conversas, rodas de entrevistas e outras ações desta investigação holística e profunda (GIL, 2008).

O estudo de caso também envolveu um período longo de tempo, e isso foi favorável para que os estudos, fossem considerados apropriados e o os pesquisadores pudessem analisar os dados com calma, primeiro em suas percepções e, também, em percepções alcançadas pelas teorias e publicações referenciadas na bibliografia (MERLEAU-PONTY, 1971 e STUMPF, 2010). Escolheu-se e definiu-se o problema a ser investigado, de modo que o problema da pesquisa, a curiosidade dos autores, ou seja, o que desejam enquanto profissionais da região, professores da Educação Básica, investigar quanto ao acontecimento de brincadeiras que estimulam o aprendizado entre crianças e anciãos indígenas, recorrentes nas atividades da UMA/UFT (MARCONI e LAKATOS, 2003, MINAYO, 2008 e STUMPF, 2010).

Outra fonte para o estudo de caso foi a identificação de lacunas de informação, sobre essas relações entre o brincar de crianças e pessoas idosas, de modo geral, na literatura alcançada na pesquisa bibliográfica (GIL, 2008). Ou seja, o interesse em auxiliar nos desafios de posicionamento de professores e pesquisadores em relação à importância do brincar para o desenvolvimento humano em qualquer idade (FGV, 2017).

Ao passo que, confirmadas essas expectativas, e definido que elas estavam de acordo com o fenômeno natural do envelhecimento humano que vivenciamos atualmente graças aos avanços da medicina. Ficamos atentos às necessidades que essa relação possui com a Escola, especificamente a que está dentro do Território Indígena Akwê-Xerente (MARCONI e LAKATOS, 2003, MINAYO, 2008 e STUMPF, 2010).

Talvez esse problema não seja relevante para todos os que podem ler este trabalho (GIL, 2008 e BARDIN, 2011). Contudo, enquanto profissionais e pesquisadores, encontramos e divulgamos aqui situações novas para a relação entre gerações, principalmente as crianças e as pessoas idosas, sem querer assumir posição maior de diretriz em uma proposta pela comunidade científica, mas como vivenciadores de rotinas de aprendizagem e desenvolvimento humano pelo brincar (MARCONI e LAKATOS, 2003, MINAYO, 2008 e STUMPF, 2010).

Para a seleção dos métodos, a coleta de dados envolveu um planejamento construído junto com os entrevistados, dentre eles anciãos da comunidade Akwê-Xerente e professores da UMA/UFT. Homens e mulheres que foram respeitados em suas maneiras de falar, de ser, de participar, das tarefas propostas para esta pesquisa.

Para isso, assim como recomenda Bardin (2011) primeiro foi feita uma estimativa por meio da observação, com anotações sobre os horários de funcionamento, perfil de crianças e anciãos atendidos, e outras anotações sobre as pessoas que participavam da UMA/UFT no polo de Tocantínia - TO (FGV, 2017).

Para a seleção de um método que produzisse os dados divulgados aqui, e como eles pudessem ser examinados, para este, como outros trabalhos, zelamos pela transparência ao processo de pesquisa e confiabilidade aos resultados, com anotações e apontamentos que pudessem ser compartilhadas, anotações realizadas no Caderno de Bordo (FGV, 2017), com o devido registro do entrevistado, data, horário, características do espaço e das condições dadas ao mesmo, como, por exemplo, se ele estava em pé, sentado e em que local se encontrava.

Empregamos mais de uma forma de coleta de dados para conseguirmos convergir para uma determinada análise com o máximo de qualidade possível (FGV, 2017). De modo que fizemos as anotações, conforme explicado, e, também, gravações em vídeos e em áudios, conforme disponibilidade do momento. Todas devidamente avisadas e com o acordo da pessoa entrevistada (DEMO, 2021).

Tais medidas de registro estão disponíveis com os pesquisadores e ficarão de posse do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT) para fins de compartilhamento desta abordagem e, se outros pesquisadores desejarem, apontamentos e outros olhares sobre o que foi fornecido.

Acreditamos que, assim como recomenda Demo (2021) ao usar esses múltiplos instrumentos de medição aumentamos o rigor do estudo e, portanto, a credibilidade dos resultados que aqui divulgamos, pois testamos os procedimentos antes da coleta de dados,

solicitamos autorização aos envolvidos e ainda, temos em mãos registros fotográficos que evidenciam nossas vivências e junto ao Território Indígena dos Akwê-Xerente (BRAGGIO, 2005) e dos espaços da UMA/UFT.

Decidimos com Bardin (2011) compartilhar algumas dessas fotos neste trabalho e elas estarão distribuídas no corpo dos textos, ora como evidências do que está em análise, ora como ilustração da interpretação que temos do fato. Ou seja, buscamos afastar as críticas aos resultados e aumentar nossas chances de comprovar que fizemos uma coleta de dados bem sucedida (BARDIN, 2011).

Se analisarmos o que afirma Demo (2021), nossa coleta de dados foi bem sucedida, pois utilizamos o método sistemático, e isso reduziu a probabilidade de ficar apenas sob nosso olhar. Por exemplo, fizemos entrevistas com vários sujeitos, em diferentes dias e horários, pois reconhecemos que a da pergunta poderia sofrer influências, diante da forma como as respostas eram dadas. Realizar essas sondagens com o maior número de pessoas que conseguimos, reduziu o risco de enviesar as respostas de algum dos entrevistados (GADOTTI, 2003).

Com os dados coletados em mãos, partimos para as interpretações. E vale esclarecer que esta última etapa não é linear, pois desde a pesquisa bibliográfica, já fazíamos interpretações. Ou seja, após cada momento, até quando fizemos anotações em nosso Diário de Bordo, já fazíamos nossas interpretações, de acordo com as nossas percepções.

Segundo Bardin (2011), isso acontece porque o pesquisador começa a formar impressões conforme a quantidade de dados cresce, e notamos isso na prática, embora não eram conclusões de todo o trabalho, como aparece nas considerações finais deste, mas eram interpretações provisórias que nos ajudaram a organizar os significados divulgados aqui como resultados (DEMO, 2021). Um desafio que vale destaque é a riqueza dos dados coletados, com detalhes que foram difíceis de serem interpretados e resumidos aqui (BARDIN, 2011). Daí nosso acordo, registrado junto à Comissão de Ética da Universidade Federal do Tocantins de permitir que este material fique disponível para outros pesquisadores e especialistas, Afinal, acreditamos que cada pesquisa pode se tornar um banco de dados para aqueles que desejam investigar outros detalhes e até mesmo observar melhor o que capturamos em nossas vivências (DEMO, 2021).

Verificamos nossas interpretações e conclusões com o auxílio dos próprios entrevistados, pois conversamos com eles sobre o que está compartilhado aqui. Essa verificação é citada por Braggio (2005) e outros autores que pesquisaram os anciãos indígenas, assim como foi feita por outros avaliadores externos, a saber, dois colegas do PPGE/UFT que também estudam os Akwê-

Xerente e dos espaços da UMA/UFT (BRANDÃO, 2010).

Esses colegas examinaram os materiais coletados e o que escrevemos e nos ajudaram a fornecer mais detalhes em nosso texto (GADOTTI, 2003), para que a nossa perspectiva fosse compreendida por quem lê e esclarecesse as conclusões que julgamos relevantes em nosso estudo (BRANDÃO, 2010). De modo que relatamos os resultados e qualificamos nossas afirmações na convicção de que o assunto é extenso, mas convictos de que o que divulgamos é útil (ASSUMPÇÃO, 2009).

3. A PRINCESINHA DO SERTÃO.

Figura 1: foto da cidade de Tocantínia - TO



Fonte: Prefeitura Municipal de Tocantínia (2022)

Ó Deus, abençoa a terra do Brasil!
 Conserva sobre nós, a tua mão!

Que ao mundo cantemos, pra sempre esta canção:
 “VIVEMOS BEM FELIZES, EM PAZ E UNIÃO!”

(Trecho do hino a Tocantínia Letra e Música de Beatriz Rodrigues da Silva)

O município de Tocantínia, popularmente conhecido pelos tocantinienses como “princesinha do sertão”, é uma cidade pequena, de pessoas acolhedoras, grandes riquezas naturais e privilegiada por possuir uma população considerável de indígenas da etnia Xerente. De acordo com o perfil

socioeconômico dos municípios do estado do Tocantins, está localizado à margem do rio Tocantins e sua povoação teve início com a chegada ao local do capuchinho italiano Frei Antônio de Canges.

Neste viés, as principais manifestações culturais da “Princesinha do sertão” são de fundo sincrético-religiosas como a “Folia do Divino”, os mestres cantadores também conhecidos como foliões coordenam as canções e fabricam os instrumentos musicais lóricas como a Festa do Divino Espírito Santo, Festa de Nossa Senhora do Rosário e a Festa de São Sebastião (padroeiro do município).

Figura 02: Festa de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022)

Diante o exposto, a Festa de Nossa Senhora do Rosário é uma tradição da cidade que dura há décadas. É coroado o rei e rainha durante o tríduo de Nossa Senhora do Rosário, que são três dias dedicado a missas em honra a santa, finalizando o tríduo com uma missa solene, na qual inicia com um cortejo da casa dos festeiros do ano, embalado pelo som da folia até chegar a igreja matriz de São Sebastião onde se encontra a população devota da santa para a solenidade.

Durante a missa solene, toda a homilia e rito da missa é dedicada a Nossa Senhora do Rosário. A igreja é decorada com arranjo de flores naturais, e a imagem de nossa senhora do rosário é exposta em destaque pois, o rei e rainha devem coroar e expor o rosário em suas mãos. A festa acontece no mês de julho, período de férias, no qual movimenta a cidade com os festejos da Paróquia e o comércio local.

O “Mestres de Ofício” são os artesãos que confeccionam, móveis e brinquedos de buriti e capim dourado, que fazem parte do artesanato do povo Xerente.

Figura 03: Foto de artesanato confeccionado pelo ancião da UMA.



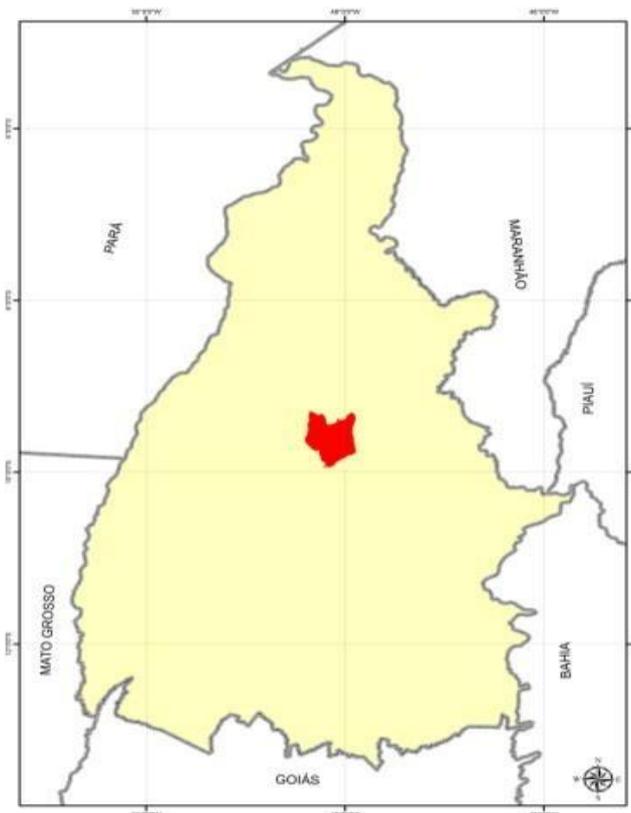
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022)

O artesanato em capim dourado conforme figura acima, faz parte da história da “Princesinha do sertão”, movimentando o setor financeiro trazendo renda para as famílias indígenas e não indígenas. Movimentando o comércio local, com visitas de turistas do mundo inteiro, em busca de peças feitas com o capim dourado. O povo Xerente, em se tratando de artesanato de fibra de buriti e capim dourado se destacam pelo zelo e capricho.

3.2 Breve Histórico de Tocantínia - *Krikahâ* e as brincadeiras

“O tocantiniense deseja ver crescer, A humilde cidade, seu torrão natal. Entre outras tão garbosas, tão cheias de poder, Seu povo, pelo estudo, constrói-lhe um pedestal”.
(Beatriz Rodrigues da Silva, Hino à Tocantínia)

Figura 05: Mapa Localização Geográfica de Tocantínia



Fonte: Base de Dados Geográficos do Tocantins (2021)

De acordo com IBGE (2021), a colonização da região de Tocantínia começou com a Chegada

do Padre Frei Antônio de Ganges, por volta de 1860, com o objetivo de trabalhar e catequizar os índios Akwê-Xerentes, permanecendo por aqui durante 40 anos. O primeiro nome dado à cidade foi Tereza Cristina, em homenagem à então Imperatriz do Brasil, esposa de D. Pedro II, sendo mais tarde substituído por Piabanha, devido a existência de um ribeirão com este nome.

Em 1936, recebeu o nome de Tocantínia por iniciativa do Deputado João de Abreu, motivado pelo Rio Tocantins. Ainda em sua história, a cidade foi emancipada em 07 de outubro de 1953, rompendo definitivamente sua ligação com o município de Pedro Afonso, conquistando assim sua autonomia política.

Localizada a 80 km de Palmas, oferece belas paisagens, pessoas receptivas, tranquilidade e muito contato com a natureza. Cerca de 75% dos 2.601 km² da área de Tocantínia é território indígena Akwê-Xerente e Funil. Desde a fundação do Estado do Tocantins, em 1989, seu território é foco das atenções regionais e nacionais devido a sua localização estratégica. Encontra-se atualmente rodeada de projetos de desenvolvimento incentivados pelos governos federal e estadual, em parceria com a iniciativa privada.

Com uma área total de 2.595,2 Km², é uma cidade pequena com sua população bem dividida entre a zona urbana e a zona rural. Possuidor de uma rica cultura fruto da miscigenação entre os colonizadores e os indígenas do povo “Akwê”, conhecido com Akwê-Xerente, vem escrevendo sua história desde 1860, sendo emancipado em 07/10/1953, através da Lei nº 798/1953 e Feriado Municipal conforme Lei nº 515/2017, comemora-se este dia com os tradicionais desfiles das escolas da cidade e tradições indígenas.

A cidade já é referência em Educação indígena no estado e possui dois colégios de importância histórica: o Colégio Batista de Tocantínia fundado em 1936 e o Colégio Frei Antônio fundado em 1957.

É neste contexto educacional e histórico que pesquisamos sobre a importância das brincadeiras, especificamente as que envolvem a cultura indígenas e estão ligadas a práticas educativas intergeracionais nos espaços da UMA/UFT. Tendo em vista reflexões como as de Silva (2014), sobre a didática e a língua, seguimos com investigações sobre como as brincadeiras ajudam na relação do brincar e aprender, através do compartilhar experiências entre pessoas mais velhas, jovens e crianças.

E por concordarmos com Arroyo (2015) sobre o direito à educação e a luta contra as novas segregações sociais e raciais, que pesquisamos com o alcance de práticas educacionais intergeracionais, entre crianças e pessoas idosas do povo Akwê-Xerente. Além de

acreditarmos na potencialidade de brinquedos e brincadeiras que podem se converter em fonte para o aprendizado infantil e, ao mesmo tempo, para os que aprendem ao longo da vida. Nesse contexto, Pereira (2020) traz à tona a importância da intergeracionalidade nas relações sociais, em um constante movimento de trocas de experiências, princípios e valores entre pessoas de diferentes gerações, interações que podem oportunizar ganhos na qualidade de vida e bem-estar. Ela é uma das autoras tocantinenses que traz uma abordagem sobre a intergeracionalidade, a importância de se ouvir os mais velhos, e ampliar espaços de trocas intergeracionais. Além disso, Osório (2018) compartilha resultados positivos que acontecem na relação entre velhos e crianças, apresentarem interesse em aproximar os avós para resgatarem as famílias das crianças. Fazê-las apreciarem suas origens, são histórias de coragem e vivência que dão base para as crianças se sentirem mais fortes diante da vida.

Dessa forma, acreditamos, com Villas-Boas (2016) que as trocas intergeracionais fortalecem o relacionamento, promovem a troca de idéias e conhecimentos entre as gerações favorecendo a formação e a consolidação de vínculos sociais, que permitem além da troca de experiências de vida o compartilhamento desses conhecimentos, idéias, atitudes, crenças, pontos de vista, hábitos, culturas, oportunidades, novos caminhos, crescimento e por fim evolução.

3.3 O Povo Akwê-Xerente

Figura 05: Foto de equipe da UMA/UFT com a comunidade indígena de Tocantínia - TO



Fonte: UMA/UFT (2021)

Neste caminho, encontramos o trabalho de Xerente (2019) quando relata que na cultura indígena os mais velhos indígenas, chamados de “anciãos”, são reconhecidos como “guardiões culturais”, com a missão de transmitirem aos mais novos os conhecimentos tradicionais.

Esse encontro ampliou o nosso interesse em consultar a comunidade Akwê-Xerente que vive no município de Tocantínia - Tocantins, para colaborarmos nas publicações que envolvem brincadeiras, tendo em vista, ainda que o autores locais trazem abordagens históricas sobre a organização social deste povo tocantinense, que nos ajudam a encontrar respostas sobre nós mesmos em nossas percepções sobre a aprendizagem humana (MERLEAU-PONTY, 1971).

Segundo dados disponibilizados pelo IBGE, o estado do Tocantins possui uma população indígena de aproximadamente 14.118 índios, onde vivem nove povos indígenas, situados em diferentes terras indígenas, algumas já demarcadas e outras em processo de estudo ou declaradas. Estão divididos segundo a língua em três povos: Akwê (Akwê-Xerente), Timbira (Apinajé, Krahô e Krahô-Kanela) e Yny (Karajá, Javaé e Xambioá).

Figura 06 - Mapa do Estado do Tocantins – Terras Indígenas



Fonte: <http://www.palmas.org/indians/tocmapindios.gif>. Acesso em 06/08/2022

Os povos akwê Akwê-Xerente, formam com os Xavante, de Mato Grosso, o ramo central das sociedades de língua Jê. O nome Akwê-Xerente lhes foi atribuído por não-índios, visando sua diferenciação dos demais Akwê, que significa “gente importante”. Atualmente tem uma população aproximada de quase 4 mil indígenas distribuídos em cerca de 100 aldeias no município de Tocantínia (IBGE, 2020).

A aldeia Salto é a maior da região e para o cacique Valci Sinhã o povo Akwê-Xerente, concilia valores diferentes, pois em suas palavras: "hoje estamos entre duas culturas: primeiro, a minha cultura e segundo, a cultura não indígena. Conhecimento tradicional e não tradicional, conhecimentos que vem de fora, costume dizer. Então hoje o povo Akwê-Xerente está equilibrado entre as duas coisas”.

A comunidade indígena fala a língua "Macro-jê" e o português, e os Akwê-Xerente buscam novos meios de educação e, ao mesmo tempo, preservam suas raízes, pois, primeiro aprendem a língua materna, a história, o desenho e a cultura e, depois, estudam o português e outras relações com outros povos (BRAGGIO, 2005), como, por exemplo, durante as noites, em que crianças, jovens e pessoas idosas se divertem ao som de cânticos embalados pelo ritmo do “maraká”, um instrumento rítmico tradicional indígena.

Já ao observarmos os rituais, seguimos com BRITO, XERENTE e NUNES FILHO (2022), e encontramos que os rituais ajudam a manter a identidade, como por exemplo, o Batismo, que está entre os principais; além de desenhos pelo corpo, colares e fitas, que definem a tradição e a cultura dos que deles fazem uso. Ou seja, os indígenas carregam no corpo e no rosto a identidade cultural de seu povo, com marcas para cada ocasião que duram na pele por um período de dez a vinte dias.

Neste sentido, o povo Akwê-Xerente, assim como os demais integrantes da família Jê, desenvolveram uma organização social complexa que obedece a um sistema de clãs patrilineares e constitui-se numa sociedade com princípio da dualidade, isto é, tem como critério ordenador a antítese ou a oposição mediada. Conforme Tpêkru (2011), eles se organizam em duas metades: Wahirê e Doí e os clãs patrilineares se distribuem vinculados a essas duas metades.

Xerente (2019) afirma que, de acordo com a cultura Akwê-Xerente, o pertencimento a um desses clãs é determinado por linha paterna, os filhos pertencem ao mesmo clã do pai. O indivíduo, portanto, já nasce fazendo parte de um clã e será diferenciado pelo nome que terá e pelos adornos e pinturas corporais que poderá usar. Neste toar, é importante salientar

que a natureza está sempre presente na vida do povo Akwê-Xerente, e é lembrada de todas as maneiras com respeito e admiração. Notamos essa relação próxima, diante do contato direto com matas, rios, animais e plantas que envolvem a preservação da cultura, mesmo diante das rápidas e intensas transformações sociais (ARCE, 2001).

Por fim, compartilhamos os dados do IBGE (2021) sobre outras características do povo Akwê-Xerente. Dentre eles: possuem rede de energia elétrica distribuída em todas as casas; acesso a programações de televisão via antenas parabólicas; presença de casas de tijolos nas aldeias indígenas, junto com as tradicionais casas de palhas e de adobe, fabricados pelos próprios indígenas.

4. UNIVERSIDADE DA MATURIDADE

A Universidade da Maturidade é um programa de extensão que possui uma carga horária de 320 horas com duração de 18 meses e é dividido em três módulos. Ao final os participantes com idade a partir de 45 anos recebem o título de: Educadores Políticos Sociais do Envelhecimento Osório (2018).

De acordo com Osório (2018), o trabalho realizado com este projeto significa uma alternativa para as pessoas adultas e idosas que a sociedade brasileira exclui, numa fase da vida em que detém experiência acumulada e sabedoria. É um espaço de convivência social e educacional de aquisição de novos conhecimentos voltados para o envelhecer sadio e digno e, sobretudo na tomada de consciência da importância de participação do idoso na sociedade enquanto sujeito histórico e ativo. Conscientização Política, Orientação Social e Regaste/preservação de culturas.

De acordo com Projeto Político Pedagógico a política de atendimento à Vida Adulta e ao Envelhecimento Humano tem por missão desenvolver uma abordagem holística, com prioridade para a educação, a saúde, o esporte, o lazer, a arte e a cultura, concretizando, desta forma um verdadeiro desenvolvimento integral dos alunos, buscando uma melhoria da qualidade de vida e o resgate da cidadania.

A Universidade da Maturidade esteve presente em Tocantinópolis, Miracema e Região, Gurupi, Brejinho de Nazaré e Arraias, também em Campina Grande – Paraíba, além da Universidade Federal do Paraná, Universidade do Amapá e Universidade de Brasília. Atualmente possui polos em Araguaína, Dianópolis, Palmas, Porto Nacional e Tocantínia.

4.1 Sobre a UMA/UFT no município de Tocantínia TO

A UMA/UFT é um programa de extensão que possui em sua proposta pedagógica a missão de promover ações indissociáveis de ensino, pesquisa e extensão que alcancem a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas (PPP-UMA/UFT, 2021). Neste sentido, essa Tecnologia Social atua no Território Indígena do município de Tocantínia - TO, especificamente com o povo Akwê-Xerente.

O polo da UMA/UFT que é mantido em Tocantínia visa integrar o povo Akwe-Xerente com os alunos de graduação da UFT, alunos da rede estadual e municipal de ensino do município, de modo que juntos identifiquem o papel e a responsabilidade da Universidade em relação às pessoas da terceira idade. É um espaço de convivência social de aquisição de novos conhecimentos voltados para o envelhecer sadio e digno e, sobretudo na tomada de consciência da importância de participação do idoso na sociedade enquanto sujeito histórico (SANTANA, 2022).



Figura 07: Foto de visita do polo UMA indígena na sede da UMA/ UFT em Palmas -TO.

Fonte: Foto da autora (2021)

Ainda no PPP da UMA/UFT (2021), o seu objetivo é conhecer o processo de envelhecimento do ser humano para oferecer na promoção do sujeito que envelhece, além de provocar transformações sociais na conquista de uma velhice ativa e digna embasado no

Estatuto do Idoso. Ao passo que em seu polo consiga, nas palavras de Santana (2022), “garantir uma educação intergeracional com interações diretas entre crianças e os anciãos indígenas” (p. 1).

Nesse toar, o Colegiado de Pedagogia da UFT aprovou a elaboração do programa UMA/UFT, bem como a constituição de seu polo em parceria com a Prefeitura de Tocantínia, para a oferta de cursos divididos módulos, além de campanhas, eventos e outros projetos que alcançam, participantes de diversas idades, e, portanto, de diversas gerações. De modo que os que concluem a carga horária dos módulos, recebem o título de Educadores Políticos Sociais do Envelhecimento (OSÓRIO, SILVA NETO, MONTEIRO, 2013).

A política adotada envolve o envelhecimento humano e tem por missão desenvolver uma abordagem holística, com prioridade para a educação, a saúde, o esporte, o lazer, a arte e a cultura (NUNES FILHO, SAMPAIO e OSÓRIO, 2021). Ou seja, o polo da UMA/UFT em Tocantínia - TO concretiza-se como um verdadeiro espaço de recepção das pessoas idosas, no Território Indígena, chamados de anciãos, para auxiliar no resgate da cidadania, com o desenvolvimento integral que melhore a qualidade de vida (OLIVEIRA, 2012).

Com Osório, Silva Neto e Monteiro (2013) compreendemos que a grade curricular do polo da UMA/UFT em Tocantínia é transformadora, pois encontramos que os componentes curriculares ofertados envolvem a realidade social dos anciãos alcançados pela Tecnologia Social. E com Pacheco (2005), constatamos que a construção curricular da UMA/UFT alcança a realidade do Território Indígena de Tocantínia, onde vivem juntas as cinco gerações da humanidade, em seus desafios de preservação de culturas e de relação intergeracional.

Neste caminho, o trabalho realizado com este projeto consegue auxiliar em apontamentos que envolvem o brincar, como alternativa para as pessoas idosas manterem contato educativo com as crianças (OLIVEIRA, 2000). Afinal, precisamos valorizar os espaços intergeracionais que existem, como locais de convivência social e educacional de aquisição de novos conhecimentos entre as crianças e os mais velhos (OLIVEIRA, 2002).

O polo da UMA/UFT em Tocantínia - TO, opera no combate a estereótipos que envolvem o envelhecimento humano, dentre eles os de caráter econômico, das políticas públicas e da invisibilidade familiar e social (PACTO, 2020); e ao envolver as crianças nesta atuação consegue-se, de forma lúdica, amenizar os problemas e motivar a pessoa idosa a ir além, com práticas individuais e coletivas que o transformem em autores de suas vidas (OSÓRIO e SILVA NETO, 2009).

De acordo com Osório e Silva Neto (2011), as metas que a UMA/UFT pretende atingir envolve uma preparação desde os recursos humanos que trabalham nos polos, até as crianças que porventura sejam alcançadas, por meio dos avós ou das Escolas parceiras que aceitem a proposta da Educação Intergeracional (NUNES FILHO, OSÓRIO e MACÊDO, 2016). E nesta abertura entre as gerações, ela consegue atender a infância e a velhice com atividades que envolvem brincadeiras e as trocas de experiências por meios de jogos e atividades lúdicas (SILVA, 2020).

Outro fator que merece destaque nesta análise é a educação emocional como alicerce sobre o qual se assenta o prazer de brincar (VIGOTSKY, 1998). Pois, em nenhuma atividade humana é possível ter sucesso sem uma forte carga de emoção, e o prazer é uma das nossas mais fortes emoções (NOVAES, 1997). De modo que a UMA/UFT incentiva crianças e pessoas idosas a acreditarem que se pode resgatar o gosto pelo aprender brincando (KISHIMOTO, 2002).

Valorizar a experiência do acadêmico e despertar seu interesse em retomar o ser produtivo nele adormecido, dentro do entendimento de que a vida vitoriosa não pode estar apartada deste segmento da população (FREIRE, 2001). E quando os espaços educativos respeitam o brincar, como forma de crescer e aprender, ele resgata brincadeiras direcionadas para seu público alvo e trabalha dentro dos limites de cada um, independente de idade, contribuindo para o amadurecimento de sua identidade e integração enquanto pessoa (FRIEDMANN, 1996).

Notamos também o cuidado com a saúde dos acadêmicos, e isso possibilita a elaboração de suas perdas por meio das vivências propostas, ampliação do conhecimento das transformações de seu corpo e constantes reivindicações de direitos fundamentais na área de saúde, propondo alternativas às políticas públicas vigentes (PACTO, 2021).

Além de criar possibilidades de vivenciar intensamente o agora, quando temos compromisso com os nossos atos e emoções do presente, sem desprezar seu passado de experiências, vivências e emoções, que acontecem ao longo da vida (GADOTTI, 2016). Além disso, em Husserl (2006), encontramos a necessidade do envolvimento com atividades artístico culturais, exercitando permanentemente o potencial criativo e o poder imaginativo, possibilitando a formulação e a descoberta de todos os possíveis, sempre atento ao momento histórico em que vive e antenado com as novas gerações, propiciado pelas experiências intergeracionais.

De acordo com Osório, et al (2019), a UMA/UFT é um projeto de extensão, apoiado na Constituição, na Política Nacional do Idoso e no Estatuto do Idoso, que traz uma proposta educacional para o envelhecimento digno, sendo um dos seus objetivos conhecer o processo de envelhecimento do ser humano para oferecer qualidade de vida e ser agente de transformação social, na conquista de uma vida digna e ativa para seus alunos.

Em conformidade com o Projeto Político Pedagógico da UMA (2020), a Universidade da Maturidade trabalha com uma tecnologia social e educacional que contempla em sua matriz curricular disciplinas à frente da realidade apresentada nas pesquisas do envelhecimento humano, disseminadas por meio de projetos interdisciplinares e intergeracionais, por serem partes integrantes da Política de atendimento aos velhos.

Ainda, a proposta atua na perspectiva da inclusão social e educação para a cidadania, que prioriza fundamentalmente a inclusão e o desenvolvimento integral dos estudantes, principalmente os relacionados à cognição, emoção e valorização da vida. Ainda, neste sentido, Osório (2013), autora do Programa Universidade da Maturidade - UMA, relata que os programas desenvolvidos pelas universidades aos velhos surgem como uma medida eficaz, no sentido em que oferecem oportunidade de retorno ao convívio e de participação na sociedade.

Assim, a Universidade da Maturidade traz, na sua gênese, a valorização pessoal do velho, por meio da ressocialização com interface à intergeração, grupo familiar e sociedade em geral. E nessa perspectiva, é que se pensou a implantação da Universidade da Maturidade no município de Tocantínia - TO, com o escopo de despertar a sociedade tocantiniense, que possui uma população indígena do povo akwê Akwê-Xerente quanto à necessidade de apoio, assistência e valorização do idoso como agente de valores, na busca de legitimar a tão almejada cidadania. Pelo que Osório afirma:

“A implantação da UMA significa um ganho político na educação e vem romper com a formação tradicional e avançar na adoção do legado da valorização humana, com referência teórico-metodológica no projeto de ressignificação do velho nos seus diferentes aspectos; socioeconômico, políticos e culturais” (Osório, 2013, p. 32).

Por fim, a criação, em 2021, de uma extensão da UMA- UFT na cidade de Tocantínia - TO, proporcionou ao ancião indígena uma oportunidade nova de convivência social,

ampliação das relações sociais, descobertas de novas habilidades, propicia-lhes saúde, energia e interesse pela vida, bem como desconstruir a imagem negativa de velhice ainda expressiva na sociedade, dentre elas pelo encantamento das brincadeiras com as crianças (KISHIMOTO, 1999).

4.2 A UMA/UFT em Tocantínia – TO.

Figura 8: Foto de momento de aula no polo da UMA/UFT em Tocantínia - TO



Fonte: UMA/UFT (2021)

Localizado à margem direita do Rio Tocantins o Município de Tocantínia possui uma população de 7.387 habitantes situado no sentido norte. Com uma área total de 2.595,2 Km², é uma cidade pequena com sua população bem dividida entre a zona urbana e a zona rural. Possuidor de uma rica cultura fruto da miscigenação entre os colonizadores e os índio locais (cuja população atual se divide em aldeias indígenas do povo “Akwê”, conhecido com Akwê-Xerente, vem escrevendo sua história desde 1860, sendo emancipado em 07/10/1953, através da Lei nº 798/1953.

A criação do Estado do Tocantins em 1988 e a implantação da capital Palmas, localizada a apenas 74 Km, foi um marco importante no desenvolvimento demográfico e sócio-econômico da cidade de Tocantínia TO, proporcionando maiores oportunidades de emprego e desenvolvimento, seja no setor público ou privado, trazendo maiores oportunidades

aos filhos de Tocantínia, que muito têm se destacado em cargos importantes no Estado.

A cidade já foi referência em educação no estado, bem como afirma o Jornal Folha do Jalapão de 28 de fevereiro de 2005. Possui dois colégios de importância histórica, trata-se do Colégio Batista de Tocantínia fundado em 1936 e o Colégio Frei Antônio fundado em 1957. Destes, apenas o Colégio Batista conserva sua arquitetura no estilo colonial. Suas principais manifestações culturais são de fundo sincrético-religiosas como a “Folia do Divino”, O “Mestres de Ofício” que são os artesãos e artesãs que confeccionam rendas, móveis, brinquedos de burití e capim dourado, e artesanato Akwê-Xerente.

Nesse toar, o município está em constante crescimento e busca melhoria para a população em geral desde as crianças até os idosos. Busca proporcionar aos idosos um envelhecimento de maneira leve, saudável e ativo, pois os problemas enfrentados na velhice são um grande empecilho para viver plenamente até o fim da vida. Há uma série de problemas que prejudicam a qualidade de vida, disposição e independência do idoso, bem como a questão social, baixa inclusão digital e socialização precária são alguns dos empecilhos para uma velhice plena.

Neste sentido, a UMA que é referência em se tratando do envelhecimento humano e já esteve presente em algumas cidades do estado do Tocantins, com resultados positivos, propôs uma parceria, para criação de um pólo da UMA no município. Pólo esse inédito no mundo inteiro, pois trata – se de um pólo indígena da etnia Akwê-Xerente.

Figura 9: Foto de encontro com representantes políticos para assinatura do Termo de Cooperação do polo da UMA/UFT em Tocantínia - TO



Fonte: Arquivo da Pesquisadora (2021)

Dessa forma, por meio da educação, é possível novas aprendizagens que contribuem para a melhoria dos aspectos físicos, psicológicos e sociais na velhice, conseqüentemente, envelhecer com bem-estar e melhor qualidade de vida. A aprendizagem na velhice, segundo Duy e Bryan (2006, p.423),

além de ser uma forma de exercitar a mente, a aquisição de aprendizagens na velhice permite novas experiências sociais, funcionando como uma estratégia de enfrentamento frente às perdas que ocorrem nessa fase da vida e como uma forma de lazer e obtenção de prazer.

Assim, a Universidade da Maturidade – UMA- UFT, então, apresenta como propósito conhecer o processo de envelhecimento do ser humano e gerar mudanças sociais na conquista de uma velhice ativa e digna, tomando como base o Estatuto do Idoso (OSÓRIO; SILVA NETO, 2013).

Tal escolha, se fez porque ainda existem muito preconceito e discriminação contra idosos, o que afeta sua saúde e bem-estar. A ideia de que pessoas mais velhas não têm valor ou não deveriam ser totalmente independentes, por exemplo, prejudica sua qualidade de vida e até mesmo longevidade.

O município valoriza as políticas públicas e projetos voltados para o idoso, apoia as ações que valorizam e preservam a cultura akwê, uma vez que, possui um número considerável de indígenas, assim a necessidade de uma tecnologia social como a UMA que dispõe de métodos para atuar na resolução de problemas na vida dos idosos por meio da educação.

Assim, após firmar o compromisso com a UFT a tão esperada aula inaugural da UMA Indígena - polo de Tocantínia, aconteceu e foi sucesso virando notícia em rede nacional. A aula contou com a presença do coordenador da Universidade da Maturidade (UMA), doutor Luiz Sinésio Neto, e teve como tema "Começar é possível" e objetivou mostrar para os idosos indígenas de que há sempre um motivo para começar e que a educação é o caminho para assegurar qualidade de vida e uma velhice digna.

Após a aula inaugural da UMA no município e sucesso de sua repercussão, a prefeitura de Tocantínia, por meio da secretaria municipal de educação, que tem como diferencial a valorização dos costumes e cultura do povo Akwê-Xerente, ampliou a UMA aos não indígenas também formando assim três pólos dentro do município a fim de atender todos os velhos do município.

Sendo uma sala na zona urbana, uma sala na zona rural (assentamentos) e uma sala na comunidade indígenas, porém sempre em contato uma com as outras para troca de experiências e construção de novos saberes.

No primeiro Semestre de 2022, no polo da UMA indígena foram trabalhado várias disciplinas com os acadêmicos da UMA, dentre elas a disciplina de Arte Terapia, com fins terapêutico por meio de recursos artísticos, possibilitando a liberdade de expressão e criatividade, ampliando o conhecimento sobre o mundo e proporcionando desenvolvimento tanto emocional, como social dos acadêmicos.

Durante a disciplina, buscou-se a otimização e valorização do idoso enquanto transmissor de experiência, e principalmente, promoção da autonomia e saúde da pessoa idosa. Uma vez que, a arte é uma manifestação humana que existe desde a antiguidade, no período pré histórico e os homens já usavam a arte com efeito terapêutico, visto que gravavam nas paredes das cavernas fatos marcantes da existência.

Realizou-se várias oficinas práticas de arteterapia com o intuito de promover qualidade de vida, saúde mental, socialização, bem-estar e autoestima através de atividades prazerosas, oferecendo mudanças positivas na vida dos indivíduos que fazem parte do processo de envelhecimento. Para finalizar o plano da disciplina de arteterapia, realizou-se uma visita ao museu Palacinho na cidade de Palmas, com as três salas da UMA da cidade de Tocantínia - TO.

Figura 10 : Foto da visita da UMA indígena ao museu Palacinho em Palmas -TO.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

5. A Importância das Brincadeiras Tradicionais

Transmitidas de geração em geração, as brincadeiras antigas representam o elo entre um povo e suas raízes. Elas são importantes legados da cultura que contribuem para o fortalecimento do acervo cultural de uma nação. Segundo Kishimoto (2010, p. 10) “as brincadeiras tradicionais infantis fazem parte da cultura popular, expressam a produção espiritual de um povo em uma determinada época histórica, são transmitidas pela oralidade e sempre estão em transformação, incorporando as criações anônimas de geração para geração”.

Neste sentido, através das brincadeiras tradicionais é possível compreender crenças e valores de determinado grupo social, e a preservação destas brincadeiras é uma forma de conhecer o passado e presente.

Essas brincadeiras permitem a integração e o desenvolvimento social, motor e cognitivo das crianças. As brincadeiras tradicionais fazem parte da cultura de cada povo e são criadas pelas pessoas ao longo do tempo, passando de geração para geração. Nas brincadeiras, não existem regras fixas, elas podem ser criadas pelo grupo que está brincando e modificadas sempre que necessário. Para brincar não são necessários materiais ou espaços específicos, podemos brincar em qualquer lugar.

As brincadeiras tradicionais compreendem uma diversidade de brincadeiras que fazem parte da cultura popular. Essas brincadeiras carregam um rico acervo de cultura e valores que precisam ser preservados e repassados a gerações futuras.

Friedmam (2006, p.78) afirma que:

As brincadeiras tradicionais são expressivamente transmitidas de uma geração a outra, fora das instituições oficiais, na rua, nos parques, nas praças etc. Assimiladas pelas crianças de maneira espontânea, mudam de forma com o passar do tempo - variam suas regras, culturas e grupos sociais, mas seu conteúdo permanece o mesmo.

Neste sentido, essas brincadeiras têm destaque, pois além de promover a integração e o desenvolvimento social das crianças, contribui para a manutenção da cultura de um povo e, preservar essas brincadeiras é uma forma de resgatar os valores culturais de cada geração.

Para Velasco (1996, p. 78) as brincadeiras promovem a socialização, além da aprendizagem, por meio de suas ações é possível observar seu desenvolvimento. Não importa de onde essa criança seja, ou o ambiente ou cultura que tenha vivenciado, ficou provado que o ato de brincar auxilia no

desenvolvimento das capacidades físicas, verbais e intelectuais. Caso contrário, no futuro poderá ser um adulto com dificuldades nas tomadas de decisões, dependente e inseguro.

Ao brincarmos alcançamos vários objetivos como apreensão da cultura, traços regionais, costumes, desenvolvimento de diferentes manifestações expressivas. Segundo Vygotsky (1984), na brincadeira os objetos perdem sua força sobre o comportamento da criança, pois a ação, numa situação imaginária, ensina a criança a direcionar seu comportamento não apenas pela situação que a afeta, mas pelo significado destas situações.

Na análise de Kishimoto (1997), o brincar é mostrado como instrumento importante para desenvolver a criança, equilibrando as tensões provenientes de seu mundo e assim construindo sua individualidade e sua personalidade. Neste toar, brincar é uma das atividades mais importantes da infância, e, é claro, os pais devem participar dela sempre que puderem.

Muitas dificuldades enfrentadas na relação dos pais de hoje com as crianças, está diante da modernidade que trouxe consigo novas maneiras de brincar provocando individualismo e prejudicando o crescimento social. De acordo com Oliveira (2002), por meio do brincar, as crianças aprendem a se relacionar com o mundo a sua volta.

Socializam-se e à medida que interagem, vão construindo relações e o conhecimento do mundo em que vivem. Dessa maneira, através da atividade lúdica, as crianças experimentam diferentes situações, resolvem conflitos, constroem normas para si e para os outros, portanto, as brincadeiras são importantes fontes de estímulos ao desenvolvimento cognitivo, linguístico, motor, psicológico, social e afetivo.

Segundo Piaget (1976), o brincar é a expressão corporal e do desenvolvimento na fase infantil, onde se promove a interação, a socialização e a troca de experiência. As brincadeiras antigas estão ligadas a costumes populares, promovem a socialização, ajudam a desenvolver a coordenação, exploram o movimento, equilíbrio, respeito às regras e o lado intelectual da criança. Neste contexto, a criança que brinca tem tendência a ser mais sadia e promover seu crescimento e em consequência, promove a saúde.

O não-brincar em uma criança pode significar que ela esteja com algum problema, o que pode prejudicar seu desenvolvimento. O mesmo pode-se dizer de adultos quando não brincam ou quando proíbem ou inibem a brincadeira nas crianças, privando-as de momentos que são importantes em suas vidas, e nas dos adultos também. (WINNICOTT, 1982 p. 176).

No entanto, sabemos que muitas brincadeiras antigas tradicionais estão sendo trocadas pelo avanço tecnológico, já que as crianças não ficam mais pelas ruas depois das aulas por causa de vários fatores, dentre eles a violência.

De acordo com Fantin (2000);

Resgatar a história de brincadeiras tradicionais infantis, como a expressão da história e da cultura, pode nos mostrar estilos de vida, maneiras de pensar, sentir e falar, e sobretudo, maneiras de brincar e interagir. Configurando-se em presença viva de um passado no presente.

A brincadeiras tradicionais desempenham um papel importante na socialização da criança, permitindo-lhe aprender a partilhar, a cooperar, a comunicar e a relacionar-se, desenvolvendo a noção de respeito por si e pelo outro, bem como sua autoimagem e autoestima. Neste sentido, em outras época as crianças precisavam de criatividade para confeccionar seus brinquedos e depois brincar.

As brincadeiras de antes oportunizam às crianças a descobrir, criar e procurar materiais para confecção. Os brinquedos eram considerados como não estruturados, eram criados através da imaginação e dos materiais que fossem de sua preferência e disponibilidade.

De acordo com Vigotski(1987,p.35)

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

Neste sentido, o brincar proporciona para as crianças uma forma diferenciada de aprender o mundo que o rodeia de maneira que este produza uma aprendizagem significativa. E ao relembrar as brincadeiras que seus pais, tios, avós brincavam além de resgatar valores familiares, lembranças ainda irá despertar nas crianças a vontade de participar dessas brincadeiras que tanto animaram gerações passadas.

Nas brincadeiras antigas, as gerações passadas se desdobravam para encontrar maneiras divertidas de passar o tempo, o que exigia criatividade, excelente para o

desenvolvimento, além de incentivar outras áreas. A partir do momento que as crianças se reuniam para pensar em uma brincadeira, elas colocavam para os demais suas propostas, que eram discutidas e aprimoradas.

Isso fazia com que o ideal de coletividade fosse trabalhado, desenvolver seus brinquedos, o que facilitava o desenvolvimento motor. No momento da brincadeira, é possível também estimular a imaginação, já que elas precisam criar um cenário e uma história, bem como desenvolver conexões sociais, já que interagem com outras crianças e culturas.

Ao deixar fluir a imaginação, essa criança aprende a lidar com o mundo e suas diversas situações do cotidiano, auxiliando na formação de sua personalidade. Preservar essas brincadeiras é de suma importância, pois é uma maneira de realizar o resgate da tradição e ampliar esse universo lúdico e cultural das crianças, bem como promover a interação entre gerações.

5.1 O brincar nos dias atuais

No mundo da pressa e do pronto, às brincadeiras tradicionais estão cada dia mais desvalorizadas pelas gerações atuais, nas famílias as interações e as brincadeiras vêm sendo substituídas por inúmeras atividades utilizando equipamentos eletrônicos, vídeos e TV, não favorecendo as relações intergeracionais.

A influência da tecnologia nos brinquedos atuais, como tablets, smartphones e games de última geração por exemplo, mostra que no lugar do choro por causa de um machucado, é a frustração pelo Wi-Fi que não conecta. Em vez de gritarias por causa do pique-pega, a diversão é gravar lives ou vídeos para o YouTube. Mas, como dizia Camões, “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”. Com tanta tecnologia à disposição, é natural que as crianças atuais a enxerguem com naturalidade e a acrescentem em suas brincadeiras.

Bem, vivemos em uma época digital e fugir totalmente do mundo digital é quase impossível. O importante é que haja equilíbrio quanto ao uso das tecnologias nas brincadeiras e está tudo tranquilo. Esses brinquedos têm muitas vantagens e também estimulam a criança e os velhos. Jogos eletrônicos, por exemplo, incentivam o raciocínio estratégico e a concentração.

Brinquedos mais realísticos contribuem para uma imaginação rica. Porém essa tecnologia não dá conta de suprir todas as necessidades no desenvolvimento infantil. Então, é importante que as crianças ainda tenham contato com brinquedos mais tradicionais. As brincadeiras antigas, contribuem para a sociabilidade, o aumento da empatia e a tolerância à frustração, são excelentes formas de incentivar a criatividade e colaboram para o raciocínio lógico.

Já nos dias de hoje, as opções de brincadeiras e brinquedos aumentaram muito, a tecnologia trouxe brinquedos que não exigem a criatividade das crianças, pois elas já encontram tudo pronto. Os avanços tecnológicos têm modificado o jeito das crianças brincarem. Em um mundo de acesso fácil e rápido às informações, as crianças não brincam como as de antigamente.

De acordo com Ceccon (1983), um fator que influencia muito a relação da criança de hoje com as atividades lúdicas e brincadeiras é a segurança, ou melhor, a insegurança das grandes cidades. Cada dia mais, não podemos permitir que as nossas crianças brinquem na rua, nas praças, ou em espaços verdes como nos antigos campinhos.

Esta diferença surgiu com a evolução social, modificando também o brincar e a relação entre as pessoas. Vivemos numa sociedade que individualiza conceitos e compartimenta espaços e ações.

Portanto, ao promover a cultura do brincar e intercalar as brincadeiras modernas com as brincadeiras do passado, podemos ajudar as crianças a compreenderem sua cultura e a si mesmas, auxiliando-as também a relacionarem-se melhor com seus pais e avós.

Para Morin (2000), as crianças reproduzem, ou melhor, são reflexos dos adultos, ou seja, nos dias de hoje as crianças estão mais ativas e críticas, pois possuem em seu alcance a comunicação e os avanços tecnológicos disponíveis, assim podem absorver mais informações do que as crianças do passado.

As crianças de hoje dominam a tecnologias, os controles remotos dos aparelhos, assim se tornam críticas e podemos ver claramente isso na sala de aula, as crianças questionam, perguntam, são muito participativas, trazem um conhecimento já em suas bagagens.

Neste ambiente virtual encontram-se basicamente dentro de casa, no computador ou tablete, nas redes sociais, e que as mesmas constituem amigas e realizam as atividades

escolares por meio de diversos dispositivos eletrônicos.

A tecnologia passa a fazer parte da vida da criança desde cedo, muitos pais são os verdadeiros culpados de seus filhos se tornarem dependentes de recursos tecnológicos, “muitos usam seu celular ou tablete como uma maneira de fazer a criança calar-se e toda vez que a criança chora eles dão o celular, não demora muito e a criança já está viciada em celular e outros recursos tecnológicos. (PREVITALE, 2006).

Diante desse cenário as pessoas estão deixando de sair de casa para se divertir com amigos e familiares para ficarem em casa frente a um computador trocando mensagem com outras pessoas, distanciando quem está perto e aproximando quem esta longe.

A tecnologia tem seus benefícios, é uma ferramenta de conhecimento instantâneo, é um meio de comunicação prático e há diversos pontos positivos. No entanto, os pais devem esclarecer aos filhos os perigos da internet, a final nesse meio é comum existirem pessoas mal-intencionadas que podem se aproveitar da inocência da criança.

A tecnologia nos dias de hoje não só pode como é fundamental na vida de uma pessoa. Sabendo usar ela vai ajuda bastante, pois a tecnologia não e só uma ferramenta de baixar vídeos, ou de jogos, ela também e uma ferramenta de navegação e pesquisas que nos traz formas de conhecimentos e de aprendizagem com outras gerações.

A brincadeira virtual traz alguns benefícios quando é utilizado para interagir com gerações passadas como por exemplo. Estimular os avós a usar essas ferramentas é uma maneira de interagir e valorizar o idoso que não domina tão bem essas tecnologias como as gerações atuais.

De fato as tecnologias, os brinquedos eletrônicos e os aparelhos digitais trazem a ideia de facilidade, conforto, praticidade e os avanços são rápidos demais e obriga os sujeitos a adquirir e adaptar suas habilidades para o seu uso. Quanto mais nova for à criança, maior será a possibilidade dela utilizar-se das tendências das novas tecnologias, onde levará para sua vida social.

Outro fator, é que na atualidade as crianças são “convencidas” a comprarem produtos divulgados nas mídias que utilizam da propaganda como um meio de atrair esse publico cada vez mais comuns nos dias de hoje conforme Oliveira (2012) comenta

Os brinquedos estão sendo deixados de lado e abrindo espaço para roupas, aparelhos

e jogos eletrônicos, produtos de beleza, que hoje estão em primeiro lugar na preferência desses pequenos grandes consumidores, contribuindo para o encurtamento da infância (OLIVEIRA, 2012 p.2)

Assim fica evidente o quanto as crianças de hoje assumem o papel de pequenos adultos que desde pequenos já assumem atividades que na realidade deveriam ser exercidas apenas por adultos. A mesma autora afirma que:

Frequentemente, vemos crianças que se comportam como adultos no que se refere ao desejo de consumo e à escolha de objetos a serem consumidos. Elas deixam de ir aos parques e à praia brincar e passam a ir a shoppings para comprar, obter algo novo. Ao falar de algo novo, devemos ainda pensar até que ponto as crianças consomem uma novidade. A ideia de consumo se estabelece tão forte justamente pelo fato de ser apresentada à sociedade em geral a ideia de renovação constante. (OLIVEIRA, 2012 p.1)

As crianças no atual contexto em que se encontram hoje ao invés de saírem com a família nos momentos de folga dos pais preferem ficar trancados em seus quartos em frente aos computadores em sites de jogos com amigos virtuais, ou na frente da televisão em jogos eletrônicos.

A criança desde pequena esta circundada por meios de comunicação que através da propaganda instigam a vontade destas mesmas em possuir determinado brinquedo, determinadas roupas. Oliveira (2012) explica que

Mediante essa busca incansável pelo consumo, as indústrias usam de todos os artifícios para seduzir cada vez mais crianças e adultos para o mundo do supérfluo. Não somente as indústrias de brinquedos estão interessadas neste público de consumo, mas, também, as de alimentos (balas, chicletes, chocolates, iogurtes), roupas, calçados, CDs, DVDs, entre outros. Assim, o mercado trabalha para a criança (alvo de seu lucro) e revitaliza a especificidade da mesma, resgatando e manipulando o mundo infantil através do marketing “criança-brinquedo”, “criança-lúdico”, “criança-moda”. O valor é perceptível no uso de brinquedos que, cada vez mais estão presentes nas prateleiras das grandes lojas, onde a criança pode escolher: bichinhos, bonecas, heróis, casinhas, videogames e outros. (OLIVEIRA, 2012 p.04)

Assim fica evidente que, situações onde as mídias tentam de qualquer forma vender seus produtos, que em sua maioria são destinados as crianças tomando como exemplos as bonecas que falam e choram, determinado carrinho se torna um robô acabam se tornando fatores que fazem com que os pais, a pedido dos filhos, acabem adquirindo o produto, ou seja, para as crianças a magia transmitida pela mídia em propagandas comerciais acabam colaborando com o consumismo infantil cada vez mais presente na sociedade moderna.

5.2 Comunidades indígenas no processo de modernização

Figura 11: Foto de encontro no polo da UMA/UFT em Tocantínia - TO



Fonte: Foto da pesquisadora (2021)

Com a modernização e advento da tecnologia, além do intenso contato das comunidades indígenas com outras sociedades não indígenas, houve um impacto na utilização das práticas lúdicas em suas formas e dos objetos utilizados pelas crianças indígenas para brincarem.

A entrada de brinquedos industrializados nas comunidades indígenas vem alterando a ludicidade existente no universo da criança indígena, ocorrendo na medida em que as tecnologias presentes nos brinquedos começam a ser adotadas na prática e rotina, a tomar o espaço das brincadeiras e práticas lúdicas tradicionais.

Dessa forma, podemos afirmar que as novas tecnologias, potencializadas pelo processo de consumo e marketing, contribuem para que imagens extraordinárias fortifiquem um mercado consumidor, tendo como base o fascínio das pessoas por atividades que carreguem mensagens de aventura, fortes emoções e, de preferência, que seja capaz de fazê-las se deslocar das rotinas cotidianas.

Isso porque as brincadeiras nas comunidades indígenas ocorriam e ocorrem ainda até hoje em todos os lugares, na terra, na água, na mata, dentro de suas moradias e nos arredores,

no entorno da comunidade sempre com uma ligação forte com os animais e a natureza.

Grande parte das práticas lúdicas nas comunidades indígenas, que encantavam não só as crianças como os adultos, que faziam parte do cotidiano de várias gerações, estão desaparecendo devido à influência da televisão, da entrada e utilização de brinquedos industrializados e da tecnologia, uso de computadores, celulares e games a cada dia.

Nessa perspectiva, Oliveira (1992, p. 59) aponta sobre o que a criança é capaz em sua aprendizagem por meio de brincadeiras e no que se transforma o seu aprendizado:

A criança aprende através da brincadeira a encontrar sua própria vida, nas pessoas reais, a complementação para suas necessidades afetivas e cognitivas. Ela não precisa mais deformar a realidade para assimilá-la, ela aprendeu a conviver, a lidar, a compensar e a lidar através da interação com os outros, com objetos reais.

Desse modo, percebe –se que para as crianças que vivem nas comunidades indígenas, a brincadeira não é um mero passatempo, elas ajudam no processo de maturação e desenvolvimento infantil, promovendo processos de socialização e descoberta do mundo. Isso porque nas comunidades indígenas os adultos e crianças dançam, cantam, imitam animais, cultivam suas atividades.

Tais mudanças conforme Oliveira (2008, p. 81) se deram “[...] principalmente, com as transformações no mundo do trabalho, quando a sociedade teve que se adaptar à nova realidade do mercado e da produção [...]”, e as comunidades indígenas não ficam longe desta realidade, isso porque a humanidade vive em um mundo de milhares de informações disponíveis pelos meios de comunicação, pela via da produção e consumismo.

E isso influencia na vida e na cultura da criança indígena, pois a cada dia elas estão sendo influenciadas pelo consumo de brinquedos industrializados e também pelo mundo da informatização. Oliveira (2008, p. 81) fala da grande influência do consumo que a sociedade em geral atribuiu para o mundo das crianças que chega à desvalorização das brincadeiras indígenas nas comunidades indígenas:

Conforme Rubio; Futada; Silva (2006, p. 111) as brincadeiras indígenas têm a importante função de:[...] fortalecer a autoestima dos grupos participantes, promover as diversas manifestações culturais e o intercâmbio cultural entre índios e não-índios e utilizar o esporte como instrumento de integração e interação de valores das diversidades étnicas.

Os jogos e brincadeiras estão relacionados ao contexto cultural dos indígenas. Nesse contexto, o conhecimento adquirido da criança indígena torna-se de suma importância para a construção simbólica das referências culturais e sociais, permitindo a construção histórica, política e cultural, tornando-se a criança elemento fundamental para o estabelecimento da marcação social da diferença, como a etnicidade.

6 ENVELHECIMENTO HUMANO

6.1 Velhice: A Importância Dessa População

O envelhecimento é um processo gradual e contínuo que consiste na alteração natural de algumas funções corporais de pessoas adultas. Não há uma idade específica para o envelhecimento, mas especialistas afirmam que aos 65 anos de idade iniciamos a velhice. De acordo com a OMS (2005, p.13), o “envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”.

Dados do IBGE demonstram que a expectativa de vida dessa população cresce cada vez mais e atualmente é estimada em 75 anos. Em 2017 o número de brasileiros com mais de 60 anos de idade ultrapassou os 30 milhões, o que mostra o valor e a necessidade de cuidados especiais com pessoas nessa faixa etária.

Os velhos são pessoas que já passaram por diversas situações e experiências durante a vida, seja socialmente ou profissionalmente, assim podem ser boas fontes de conhecimento e aprendizado, também são cuidadosos, amorosos e muitas vezes, avós. Por isso, merecem respeito e não o desprezo. Além dessas questões, diversos idosos sofrem com algum problema ou doença quando chega nessa fase da vida, por exemplo, sentem-se incapazes ou excluídos, o que pode gerar um isolamento ou até a depressão.

Para Messy (1993, p. 18), “o envelhecimento é um processo que se inscreve na temporalidade do indivíduo, do começo ao fim da vida. É feito de uma sucessão de perdas e aquisições, à maneira dos movimentos vitais”. Neste sentido, a idade cronológica é exatamente a mais comumente observada, pois se trata do tempo de vida, é a idade da pessoa em anos. No entanto, no que diz respeito à saúde, a idade biológica não tem muita precisão, pois o envelhecimento baseado nela varia de acordo com diversos aspectos de cada ser humano.

O envelhecimento faz parte de um processo natural do organismo. Com o envelhecimento, toda pessoa passa para uma condição na qual a reserva do organismo está diminuída e há um nível de funcionamento lento, razão pela qual não se pode submetê-la a demandas excessivas. Por isso, inúmeras são as doenças e as limitações que podem surgir na velhice, tanto sob o aspecto fisiológico quanto psicológico.

Haddad (1986, p. 27) caracteriza a velhice citando um texto de Ávila (1978),

o que caracteriza a velhice não é a quantidade dos anos vividos. Nem é o estado das artérias, como dizia Metchinikof1. Nem é anormalidade endócrina, como queria. O que caracteriza a velhice é a perda dos ideais da juventude, é a dessintonização com a mentalidade do seu tempo, é o desinteresse pelo cotidiano nacional e internacional, é o humor irritadiço, é a desconfiança no futuro, o desamor ao trabalho.

Neste sentido a autora explica que o estilo de vida que uma pessoa leva pode contribuir bastante para o seu envelhecimento. O ambiente também favorece ou não a longevidade desse indivíduo.

Vivenciar a velhice é conviver com modificações corporais ocorridas no processo de envelhecer como: o aparecimento de rugas, os cabelos brancos, a diminuição da elasticidade da pele, a perda dos dentes, as modificações no esqueleto que por sua vez implicam problemas musculares e encurtamento postural, os problemas de circulação, a desaceleração do metabolismo e dos impulsos nervosos que alteram os sentidos do velho; enfim, as modificações físicas e fisiológicas do envelhecimento (BEAUVOIR, 1990).

Netto (2002) garante que a velhice é caracterizada como a fase final do ciclo da vida. Esta fase apresenta algumas manifestações físicas, psicológicas, sociais e debilitantes, dos quais se destacam a diminuição da capacidade funcional, trabalho e resistência; aparecimento da solidão; calvície; perda dos papéis sociais; prejuízos psicológicos, motores e afetivos.

Neste sentido, não se pode definir o envelhecimento no idoso apenas pelo critério cronológico, pois se deve considerar as condições funcionais, físicas, mentais e de saúde que estes apresentam, porquanto o processo de envelhecimento é individual, verificando que se pode observar diferentes condições biológicas em indivíduos situados na mesma faixa cronológica de idade.

Nesse viés, o envelhecimento normal reúne um declínio gradual nas funções cognitivas. A capacidade intelectual do indivíduo idoso pode ser mantida sem dano cerebral

até os 80 anos. No entanto, dificuldades de aprendizagens e esquecimento sem importância podem ser incluídos, juntamente com algumas alterações sutis que normalmente ocorrem em idosos com idade até 70 anos (CANÇADO E HORTA, 2002).

6.2 Relações intergeracionais

Figura 12: Foto da equipe e alunos do polo da UMA/UFT em Tocantínia - TO



Foto da autora (2022)

Nos últimos tempos muito tem se discutido sobre o termo intergeracionalidade. A sua definição nada mais é que, interações planejadas de grupos de pessoas com diferentes idades e em diferentes fases da vida.

Estudos apontam que a convivência de diferentes gerações promove melhoria na cognição e estado de humor de idosos, bem como a quebra do preconceito com o processo de envelhecimento, através de troca de experiências dos mais maduros com os mais jovens, o fortalecimento de laços afetivos e a transferência de cultura e valores, favorecendo assim, a tentativa da construção de uma sociedade mais respeitosa e tolerante.

Nesse sentido, o crescente avanço do envelhecimento populacional traz à tona a importância da intergeracionalidade que se relaciona às interações sociais, em um constante

movimento de trocas de experiências, princípios e valores entre pessoas de diferentes gerações, interações que podem oportunizar ganhos na qualidade de vida e bem-estar.

Nesse sentido, para falar em relações, é preciso compreender o que é geração. Segundo Magalhães, 2000, p.37),

as gerações são mais que cortes demográficos. Envolvem segmentos sociais que comportam relações familiares, relações entre amigos e colegas de trabalho, entre vizinhos, entre grupos de esportes, artes, cultura e agremiações científicas. Implicam estilos de vida, modos de ser, saber e fazer, valores, idéias, padrões de comportamento, graus de absorção científica e tecnológica. Comporta memória, ciência, lendas, tabus, mitos, totens, referências religiosas e civis.

Nesse sentido, se faz necessário a construção de laços significativos e de reciprocidade entre as faixas etárias criando momentos de convivência e desconstrução de estereótipos e minimização de preconceitos relacionados à velhice. Para (TEIGA, 2012) O conceito de intergeracionalidade relaciona-se às relações sociais e não se reduz à crianças e aos velhos, pode ocorrer em qualquer espaço, família, trabalho, universidade etc, desde que se juntem pessoas de diferentes gerações.

Assim, segundo Lopes (2008, p.26), as relações intergeracionais acontecem

entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações, que interagem sem paternalismos ou proteccionismos. O diálogo entre gerações contribui para uma nova consciência comunitária, na medida em que desenvolve as relações interpessoais, quando entram em contacto com novas vivências de diversos modos de pensar, agir e sentir. As relações intergeracionais renovam opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas.

Nesse toar, entende-se que nas relações intergeracionais há envolvimento, o que pode levar ao desenvolvimento da resiliência, que segundo Mam (2003) é capacidade que a pessoa tem de enfrentar as adversidades da vida, respondendo positivamente aos processos adaptativos que podem gerar estresse, ou seja, o indivíduo é capaz de superar e adaptar-se à situação.

Os velhos pertencem a gerações totalmente diferentes, por isso têm modos peculiares de pensar e de ver o mundo. Com suas grandes experiências, são mentores, assim podem ensinar habilidades e conhecimentos de brincadeiras de outrora através da intergeracionalidade. A convivência com os avós torna as crianças mais bondosas e bem desenvolvidas pessoal e cognitivamente.

Elas crescem se sentindo amadas, seguras e confiantes, criar um vínculo forte com pessoas diferentes de pai e mãe também contribui para a autoestima e a aquisição de habilidades sociais. Outro enriquecimento é saber, desde cedo, a lidar com diferenças para aprender a respeitá-las.

Para (MARTINS, 1997) “por meio das relações intergeracionais é possível promover a igualdade entre gerações, mudar mentalidades e favorecer a cidadania, que deve ser promotora de inclusão, do bem-estar dos indivíduos, e solidariedade social”. As relações intergeracionais são de grande importância, o modo como se processam os afetos entre os membros de uma família permite desenvolver sentimentos como a solidariedade e a amizade.

Numa família, ou mesmo numa comunidade, a relação entre idosos, crianças ou mesmo entre adultos facilita a promoção das relações, na troca de saberes, experiências e da entreajuda. Desta forma intergeracionalidade funciona como veículos sociais com o objetivo de criar propósitos e crescente troca de recursos e aprendizagens entre as gerações mais velhas e mais novas (Nunes, 2009).

Conforme França; Silva; Barreto (2010, p. 523): “o convívio intergeracional é um dos mais valiosos instrumentos para a quebra de preconceitos, para a passagem de conhecimentos, ajuda mútua, solidariedade e amizade”. Ainda segundo os autores, “as práticas intergeracionais vêm demonstrando que é possível efetuar uma mudança na mentalidade da comunidade em relação à imagem do idoso e o resgate da memória de um povo através de seu patrimônio vivo” (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010, p. 529).

Neste sentido, os avós, oferecem uma visão mais ponderada sobre a vida e são capazes de transmitir segurança. A convivência com pessoas mais experientes também pode ser saudável para o regaste de brincadeiras e brinquedos antigos, promovendo o aprendizado das crianças, que conseguem aproveitar a sabedoria dos mais velhos para absorver conhecimentos. A relação entre eles faz com que as crianças conheçam um pouco mais sobre o passado e seu histórico familiar, compreendendo melhor quem eles são.

No contexto da UMA, Osório (2013, p.2),

a Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins hoje é uma inovada atitude de “ser velho”. Ela evidencia um diferente estilo de vida para as pessoas com idade a partir dos 45 anos. Apresenta uma variação nas formas de envelhecer ativamente e com cidadania no século XXI, destacando este momento histórico, onde a ousadia da tecnologia patrocina a longevidade humana.

Para Osório, N. B. (2019) o convívio intergeracional nas instituições de ensino favorecem o desenvolvimento do conhecimento, além de modificar as relações entre diferentes gerações. Acredita que a Universidade da Maturidade é um espaço em que velhos, crianças, jovens e adultos são protagonistas da sociabilidade, produzem e transmitem conhecimento.

Essas trocas tornam-se importantes por possibilitar a compreensão de raízes e conquistas, mudanças de convicções e valores de gerações. Então, nesse tom, a presença dos idosos na vida universitária tende a produzir mudanças de mentalidades, o que leva à sociedade a questionar, rever e modificar concepções.

7 REGISTROS DA CONVIVÊNCIA COM OS INDÍGENAS

Esta pesquisa foi realizada no pólo indígena da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins localizada na cidade de Tocantínia /TO. Tal escolha de realizar a pesquisa com os acadêmicos da UMA deu-se devido à proximidade com esses velhos, durante realização de vários eventos, e de aulas ministradas para a turma, assim, nesses momentos de interação, vínculos de confiança foram estabelecidos, bem como sentimentos de empatia e afetividade.

Apresentou-se aos velhos a pesquisa e como seria desenvolvida. Fez-se o convite aos acadêmicos da UMA – indígena para participarem. Apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, realizou-se a leitura do TCLE, neste momento, 10 velhos se prontificaram a participar da pesquisa, o documento foi entregue para que assinassem. Também foi explicado que a qualquer momento da pesquisa, o acadêmico poderia desistir de participar, mesmo que tivesse assinado o TCLE.

Dessa forma, para preservar o anonimato e evitar qualquer tipo de constrangimento escolheu-se enumerar os acadêmicos de 1 a 10. Neste toar, o corpus da pesquisa são acadêmicos com faixa etária entre 45 a 80 anos de idade, a quem é dada voz, são respeitados e valorizados os saberes construídos nas suas experiências de vida, estimulando-os a falar, contar suas histórias, pois entende-se que é preciso compreenderem que os saberes que trazem, mesmo que informal, são importantes para serem socializados e relacionados a outros saberes, e que podem produzir novos conhecimentos.

Quadro 1: Relação de acadêmicos indígena UMA/UFT

Nome	Idade	Sexo
Acadêmica 01	54	Feminino
Acadêmica 02	73	Feminino
Acadêmica 03	57	Feminino
Acadêmica 04	82	Feminino
Acadêmico 05	72	Masculino
Acadêmica 06	60	Feminino
Acadêmica 07	77	Feminino
Acadêmica 08	65	Feminino
Acadêmico 09	69	Masculino
Acadêmica 10	65	Feminino

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022)

Conforme o memorial da pesquisadora, enfatiza a convivência com os indígenas, o acompanha desde a infância, uma vez que sempre residiu na cidade de Tocantínia–TO, lugar em que vive uma grande população indígenas, bem como, possuir um meio-irmão indígena e atuar com crianças indígenas nas séries iniciais do Ensino Fundamental em outrora. Assim, a convivência com os indígenas sempre esteve presente na vida da pesquisadora, porém se intensificou com a participação na UMA/UFT em Tocantínia –TO.

Diante o exposto, a convivência com os indígenas da UMA/UFT durante o caminho percorrido pela pesquisadora trouxe uma experiência única, interações com outras gerações indígenas, na qual foram registrados fotos, vídeos, áudios todos transcritos, conforme proferidas pelos acadêmicos, porque as transcrições possibilitam analisar e observar de forma detalhada os conteúdos das entrevistas. Segundo Halcomb; Davidson (2006, p. 38), a transcrição é a “reprodução das palavras faladas, como as que provêm de uma entrevista gravada, em texto escrito”. Corroborar Bailey (2008, p.127) quando afirma transcrever é um processo de “reduzir, interpretar e representar as conversas orais para que o texto escrito seja compreensível e tenha significado”.

Assim, fez-se uma leitura de toda convivência com os acadêmicos, selecionando os conteúdos, a análise das narrativas aconteceu de forma qualitativa, em que se buscou compreender por meio das vivências, das experiências pessoais, da forma de colocar as palavras, ou seja, a linguagem, qual o significado atribuído as brincadeiras indígenas que estiveram presente na infância dos velhos da UMA/UFT. Portanto, esta seção traz relatos de vivências/observações através das aulas da UMA/UFT, e também entrevistas com os anciãos e acadêmicos do polo

Xerente acerca das brincadeiras tradicionais indígenas.

7.1 Transcrição e análise das narrativas dos acadêmicos da UMA/UFT

Esta seção traz a transcrição do estudo de caso, pois apresenta e discute-se os dados coletados nas entrevistas, nas oficinas, nas aulas direcionadas e rodas de conversas em grupo que integram este estudo. Foram executadas com anciãos/velhos acadêmicos da UMA/UFT, em seu polo de Tocantínia do Tocantins, de modo que as narrativas permitem ao ouvidor imergir naquilo que escuta e vivencia, por intermédio da experiência do outro, a sua própria experiência.

Segundo Benjamin (1994, p. 205), isso é possível porque a narrativa “mergulha na vida do narrador, para em seguida retirá-la dele. Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. De acordo com as narrativas do público alvo, todos os acadêmicos participantes são natural das cidades de Tocantínia –TO, nasceram nas próprias comunidades indígenas, com ajuda de parteiras como relembra a Acadêmica 04 (2022), “Antigamente quem fazia os partos nas aldeias eram as parteiras, não tinha médico, tive os meus (dez) filhos todos aqui na aldeia...”.

Segundo Barthes (1994, p. 251-252),

a narrativa está presente no mito, lenda, fábula, conto, novela, epopéia, história, tragédia, drama, comédia, mímica, pintura (pensemos na Santa Úrsula de Carpaccio), vitrais de janela, cinema, histórias em quadrinhos, notícias, conversação. Além disso, sob esta quase infinita diversidade de formas, a narrativa está presente em cada idade, em cada lugar, em cada sociedade; ela começa com a própria história da humanidade e nunca existiu, em nenhum lugar e em tempo nenhum, um povo sem narrativa. Não se importando com boa ou má literatura, a narrativa é internacional, trans-histórico, transcultural: ela está simplesmente ali, como a própria vida

Neste contexto, os anciãos/velhos buscam na memória, momentos vivenciados na infância para narrar, facilitando o registro da história do povo Akwê-Xerente para futuras gerações, pois “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para o que veio antes e depois” (BENJAMIM, 1994, p.15).

Assim, buscou-se por meio de entrevistas e rodas de conversas as diferentes narrativas, percepções dos anciãos/velhos acadêmicos da UMA/UFT, sobre as brincadeiras indígenas que permearam suas vidas na infância. Todas as lembranças de brincadeiras indígenas gravadas

na memória, traz um sentimento, então não são apenas relatos, mas registros sobre a vida, os costumes, a cultura, a herança, a memória.

De acordo com o questionário semiestruturado, perguntou-se como eram as brincadeiras na época de sua infância, Acadêmica 01 (2022) narrou um pouco sobre as transformações ocorridas desde sua infância. Ela teceu o seguinte relato:

As brincadeiras eram diferente das de hoje. Nós gostávamos de brincar ao ar livre, debaixo das árvores, principalmente a noite quando a lua estava bonita, clara. Brincava de muitas coisas, as brincadeiras eram saudáveis aproveitava tudo da natureza da aldeia. Não tinha televisão, celular. Era bom demais. (Acadêmica 01, 2022).

No fragmento acima, a acadêmica 01 (2022) relembra que as brincadeiras na sua infância eram diferentes dos dias atuais, quando criança brincava ao ar livre, explorava os recursos disponíveis da natureza. Apesar de não ter mídias digitais na época, enfatiza que era muito boas as brincadeiras de outrora.

Ainda sobre as brincadeiras na época de sua infância Acadêmica 08 (2022), relata que, “antigamente as brincadeiras eram diferente. Brincava no quintal da aldeia com cofinhos de embira, tomava banho no rio, subia nas árvores, brincavam meninas com meninos e não tinha energia elétrica. A gente brincava com que tinha”. Nesse viés, percebe-se que o fato de não ter energia elétrica na comunidade indígena, recursos informatizados ou brinquedos de luxo, ela se divertia com o que dispunha em sua comunidade.

Já a senhora Acadêmica 02 (2022), narra que as brincadeiras de antigamente eram “brincadeiras saudáveis, não tinha desobediência ao pais, brincavam ajudando seus pais na roça. Brincava e aprendia a trabalhar, não faltava o alimento para nós. Gostava de brincar de casinha”.

Neste sentido, as brincadeiras são atividades lúdicas que cumprem a importante função de desenvolver diversas habilidades: motoras, sociais, emocionais, e faz com que as pessoas que participam exercitem sua criatividade e a imaginação para a resolução das tarefas propostas. A brincadeira, seja simbólica ou de regras, não tem apenas um caráter de diversão ou de passatempo. Pela brincadeira estimula uma série de aspectos que contribuem tanto para o desenvolvimento individual do ser quanto para o social.

Através das entrevistas com acadêmicos pudemos registrar algumas brincadeiras tradicionais indígenas de outrora, que muitas crianças indígenas não brincam com frequência, ou não brincam de maneira alguma.

De acordo com o ancião Acadêmico 09 (2022), existia várias brincadeiras que hoje a

maioria das crianças não conhecem ou não brincam. Cita em seus relatos várias brincadeiras dentre elas “O Gavião e galinha”. Tece o seguinte relato:

Um menino é escolhido para ser o gavião macho e outro para ser a galinha, por tanto é feito uma fila bem longa com muitas crianças. “E depois que essa fila estiver organizada, a galinha cisca no chão fazendo um som como se fosse uma galinha” *croc, croc, croc*. de seus pintinhos, que são interpretados por outras crianças. Então, quando começa a brincadeira, a galinha fica rodeando os pintinhos para protegê-los, e os pintinhos têm que ser ágeis como a galinha, para que o gavião não possa pegá-los. Mas o gavião não para de atacar a galinha até conseguir raptar um dos pintinhos, daí a galinha tem que ser muito ágil para defender seus filhotes. A criança que for a galinha, se ela conseguir ser uma ótima defensora, não deixa que o gavião devore seus pintinhos. Quando o gavião conseguir raptar muitos dos seus pintinhos e a galinha estiver com poucos pintinhos fica mais fácil de proteger porque quando têm muitos filhotes fica muito difícil proteger todos. Por fim, o gavião consegue pegar todos os pintinhos. A brincadeira se encerra com o gavião conseguindo pegar todos os pintinhos da galinha.

Neste toar, as brincadeiras tradicionais são organizadas, com regras que carregam consigo valores culturais, o folclore do seu lugar de origem Kishimoto (2002). E para tanto, faz-se necessário o resgate dessas brincadeira para perpassar, às nossas crianças, além deste brincar, valores culturais para que estas repassem às gerações futuras, haja vista que são práticas que perpetuam a cultura infantil e contribuem para o desenvolvimento de possibilidades de convivência social.

Ainda segundo Acadêmico 08 (2022), o mesmo narrou a brincadeira do “veado”. Relata da seguinte forma:

Junta várias crianças, escolhe uma criança para ser o veado e as demais escolhe uma árvore para representar (angico, jenipapo, jatobá, manga, aroeira, enfim árvores de madeira fortes), e faz –se um círculo com todas as árvores e o veado no centro. O veado tentar sair do círculo, mas se depara com as árvores fortes e não consegue sair. Quando o veado consegue quebrar a corrente e sair, aquela árvore onde ele saiu, sai da brincadeira até que consiga quebrar todas as árvores.

Neste contexto, a brincadeira em grupo favorece princípios como cooperação, liderança e competição. O momento da brincadeira é uma oportunidade de desenvolvimento para a criança. Através do brincar ela aprende, experimenta o mundo, possibilidades, relações sociais, elabora sua autonomia de ação, organiza emoções.

De acordo com a Acadêmica 07 (2022), umas das brincadeiras indígenas que a maioria das meninas brincavam era de “Casinha”, sobre essa brincadeira narra o seguinte:

As crianças imitavam a vida adulta. Brincam como se fossem seus pais. As

meninas fazem as tarefas de casa direcionada a sua mãe (arruma a casa, faz comida, lava os pratos, lava roupa, cuida dos filhos) enquanto os meninos assumem o papel do pai e sai para caçar e pescar em busca de comida. Uma menina assume o papel da mãe. Um menino assume o papel do pai e as outras crianças de filhos.

Observa-se que nessa brincadeira as crianças reproduzem o hábito dos mais velhos de maneira divertida. Outro fator relevante é que, nessa brincadeira de outrora não era necessário nenhum investimento financeiro, tudo era usado aproveitando a matéria prima natural encontrado na própria aldeia. Tal relato possibilita o regaste de velhas brincadeiras do povo akwê Akwê-Xerente deixando a modernidade em segundo plano, fortalecendo assim a cultura do povo akwê, pois ao brincar a criança aprendem a interagir em si, deixando fluir sua imaginação.

Em conformidade com Acadêmica 03 (2022), hoje a maioria das crianças quase não brincam nos quintais de casa, e relembra o seguinte: “eu gostava de brincar na frente da minha casa, na boca da noite, brincava muito da brincadeira da galinha e seus pintinhos”. Quando perguntado como se brinca de tal brincadeira, ela tece o seguinte comentário:

...as crianças ficam em círculo, daí uma criança é escolhida para ser a galinha-choca. Essa criança fica correndo ao redor do círculo com um chinelo na mão. De repente a criança que interpreta a galinha-choca coloca o chinelo atrás de uma das crianças que está sentada no círculo. E essa criança que estava como galinha-choca corre em volta do círculo atrás da criança que colocou o chinelo atrás dela. A galinha-choca tem que sentar no lugar da criança que colocou o chinelo nas costas. Caso não consiga continua a ser a galinha-choca.

O conceito de aprendizagem está implícito nas brincadeiras das crianças, momentos estes que promovem a alegria e a satisfação das mesmas, através destes momentos as crianças imaginam, constroem e aprendem. Moyles (2002) afirma que “o brincar é realizado por puro prazer e diversão e cria uma atitude alegre em relação à vida e à aprendizagem.”

Ao ser questionada sobre as brincadeiras tradicionais da infância do povo akwê Xerente, Acadêmica 04 (2022), relembra a “brincadeira da onça”, narra a brincadeira com carinho e empolgação. Relata o seguinte:

A brincadeira da onça é brincada no rio. Uma criança é escolhida para ser a onça, as outras crianças fazem um risco na areia na beira do rio simbolizando uma cerca (curral) onde elas poderão descansar quando estiverem cansadas. Assim que a brincadeira começar todas as crianças correm e pulam no rio, após pularem no rio, a onça pula atrás a fim de pegar alguém. Aquelas crianças mais ágeis conseguem sempre escapar da onça e conseguem entrar no círculo para descansar. E quando a onça consegue capturar alguém, a criança que foi capturada se torna onça no lugar da outra. É uma brincadeira

de revezamento. Assim que esta capturar outra, ela passa a ser a onça para correr atrás das outras crianças.

Diante a narrativa, observa-se que as brincadeiras do povo akwê Xerente, significa uma estreita relação com a natureza, em que, ao mesmo tempo que proporciona brincadeiras, intrinsecamente, existe o aprendizado do respeito e da valorização pelos elementos naturais.

De acordo com as narrativas coletadas os indígenas possuem brincadeiras em diferentes situações. Segundo Meirelles (2007), algumas são bastante conhecidas entre os indígenas, e outras também são comuns entre os não indígenas, como a peteca e a boneca. Porém, ainda se percebe a tradição entre as comunidades de forma conservada, pois existem brincadeiras que somente as crianças jogam, outras que os adultos jogam juntos, ensinando assim as melhores técnicas. Há brincadeiras que são para meninos e outras destinadas para meninas, nesse caso as crianças brincam separadamente, formando núcleos distintos (MEIRELLES, 2007).

Desse modo, Acadêmica 10 (2022), recorda-se da brincadeira com boneca. relembra que:

Eu gostava muito de brincar de boneca. Naquela época nós não tinha boneca, dessas que compra na cidade, era minha mãe que fazia pra mim brincar. Ela fazia de várias coisas: de retalho de pano, de sabugo do milho, ensinava fazer roupinha. Eu coloca nome em cada boneca. Fazia igual minha mãe comigo. Cuidava como se fosse minha filhinha.

Todos os entrevistados gostavam de brincar, incluindo adultos e crianças, e, passavam o dia inteiro se divertindo, lembram ao narrar as brincadeiras indígenas. Através das brincadeiras, desenvolvem-se habilidades e hábitos importantes para a vida toda, e transmitir isso aos filhos nada mais é do que um legado passado de geração a geração. Infelizmente, nos dias atuais, muitos indígenas estão se distanciando dessas práticas, devido ao convívio com a sociedade contemporânea e ao avanço das tecnologias atuais como celulares e internet.

De acordo com a narrativa do Acadêmico 05 (2022), várias brincadeiras de antigamente, só se ver agora em festas tradicionais da cultura do povo Akwê Xerente, como por exemplo a “corrida de revezamento”. Sobre esta brincadeira tece o seguinte relato:

Nessa brincadeira os participantes tem que ser rápido. Meninos e meninas podem participar. Essa brincadeira não é praticada somente pelas crianças, mas também pelos adultos, no período festivo cultural Dasîpê (festa de nomeação). Nessa brincadeira, as crianças são divididas em equipes de dez.

Assim que tudo está organizado, pronto para iniciar, uma pessoa grita três vezes para iniciar a corrida. O objetivo é correr mais rápido que o concorrente e entregar a varinha para seu companheiro que está a postos esperando. É uma disputa de revezamento.

Diante o exposto, é importante para as crianças desenvolverem muitas habilidades originadas de práticas culturais, costumes, rituais e festas, a fim de aprenderem sobre seu povo de maneira participativa. Rocha Ferreira (2005) afirma que as brincadeiras tradicionais indígenas são atividades corporais com características lúdicas, pelas quais permeiam os mitos, os valores culturais e, portanto, congregam em si o mundo material e imaterial de cada etnia. Eles requerem um aprendizado específico de habilidades motoras e estratégias.

Ainda nesse toar de brincadeira de agilidade e precisão, Acadêmico 09 (2022), relembra a brincadeira de arco e flecha, que atualmente integra como uma modalidade de esporte nos jogos tradicionais indígenas. Sobre a brincadeira relembra o seguinte:

Confeccionava o arco e a flecha com materiais extraído da natureza aos arredores da aldeia. O arco é feito de uma árvore chamada Pati (wakro) e a flecha é feita de bambu (tkibu). Podia brincar meninos e meninas. Vence quem atingir o alvo com a flecha. Os adultos também costumavam brincar.

Percebe-se que na natureza, os indígenas encontravam materiais e confeccionavam diversos brinquedos, sempre com a ajuda dos mais velhos para ensinar como brincar e como fazer tais brinquedos. A convivência com os anciãos indígenas e também com seus membros familiares facilitava o processo de preservação da cultura do povo akwê Xerente.

Ainda sobre as brincadeiras tradicionais indígenas, Acadêmica 04 (2022), narra que gostava muito de brincar com suas colegas de “brincadeira de roda”, sobre essa brincadeira diz o seguinte:

Nós reunia várias crianças formava uma roda e brincava contando vários cânticos que minha mãe ensinava. Essa brincadeira é muito utilizada em festas culturais sempre cantam e dançam ao embalo do zâ (maracá). As crianças e adultos anciãos, se reúnem formam rodas e cantam vários cânticos, todos cânticos de alegria. Como watôrezaisihârê, kupre ti sãmri, tâkâtôwanĩmbdâakwêakwê, e are, are, are wahã.

Diante o fragmento acima, nesta brincadeira as crianças aprendem um pouco dos cânticos indígenas akwê xerente de maneira intergeracional enquanto se divertem. De acordo Villas-Boas, et. al. (2016, p.133), na educação intergeracional há o

encontro de diferentes gerações a executarem atividades e tarefas que respondem às suas necessidades e interesses, numa dinâmica de cooperação, interação, intercâmbio e de diálogo intergeracional desenvolvido numa relação igualitária, de tolerância e respeito mútuo.

Nesse contexto, acredita-se que a Universidade da Maturidade é o espaço em que velhos, crianças, jovens e adultos são protagonistas da sociabilidade, produzem e transmitem conhecimento. Essas trocas fazem-se importante por possibilitar a compreensão da cultura de cada povo e valores de gerações.

As brincadeiras tradicionais indígenas traz uma simplicidade e ao mesmo tempo diversão entre as crianças da época. Segundo Acadêmica 07 (2022), quando criança aproveitam as árvores que tinham na aldeia, próximo a suas casas para brincar de subir em árvore. Relembra o seguinte;

Nós não tinham muito brinquedo, então nós brincava de subir nas árvores, era perigoso porém nós se divertiam muito subindo em árvores, competindo quem conseguia subir mais alto, quem subia mais rápido, quem descia primeiro. Era assim...

Nesse tom, o ato de brincar é importante na vida de toda criança, seja ela indígena ou não indígena, visto que o conhecimento é construído pelas relações interpessoais e trocas recíprocas que se estabelecem durante a formação integral da criança. Moyles (2002) afirma que o brincar estimula o cérebro e o corpo, motiva e desafia a criança, tanto em situações familiares como em situações desconhecidas que podem lhe propiciar novas informações, conhecimentos e habilidades.

Durante as entrevistas com os acadêmicos da UMA/UFT, todos relatam brincadeiras da época de sua infância, porém o ancião Acadêmico 09 (2022), trouxe em seus relatos uma maneira clara, objetiva, e bem divertida como brincar em cada brincadeira tradicional indígena lembrada por ele. Relembra da brincadeira de “Peteca”, e narra o seguinte:

Nós fazia um pacotinho de palhas de milho com pena de pássaro, ali era nossa peteca. Reunia um grupo de criança e ficava jogando a peteca um para o outro com as mãos sem deixar cair, aquele que deixasse cair saia da brincadeira.

Os relatos citados permitem observar que as crianças indígenas contam com um espaço, um território propício para atividades livres, pois nesses espaços vivem sua família e outros indígenas que convivem com as mesmas desde muito pequenas em uma dinâmica do

viver coletivo. Esse modo de viver contribui para a construção das relações entre as crianças e o cuidado com o próximo.

Segundo Acadêmica 08 (2022), as brincadeiras tradicionais indígenas estão desaparecendo a cada dia e tece o seguinte comentário: “acho muito importante esse trabalho que vocês estão fazendo, resgatar nossas brincadeiras é muito bom, para que nossos netos e outras gerações possam conhecer sobre a nossa cultura”.

De acordo com os relatos sobre as brincadeiras tradicionais indígenas, elaborou-se um quadro esquematizando as brincadeiras narradas pelos anciãos/velhos acadêmicos da UMA/UFT.

Quadro 2. Brincadeiras indígenas akwê-Xerente.

Nº	Brincadeira
01	Arco e flecha
02	Brincadeira de roda
03	Subir em árvore
04	O gavião e galinha
05	A galinha e seus pintinhos
06	A brincadeira da onça
07	Brincadeira de casinha
08	Corrida de tora
09	Brincar de boneca (milho/pano)
10	Peteca
11	Brincadeira do Veado

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Neste sentido, observa-se a importância em resgatar através das narrativas dos ancião/acadêmicos as brincadeiras antigas e o brincar que são atos indispensáveis à saúde física, emocional e intelectual e sempre estiveram presentes em qualquer povo desde os mais remotos tempos. Para tanto, faz-se necessário as interações intergeracionais para contribuir com a preservação da cultura akwê Xerente.

Observa-se que ao conhecer a brincadeiras indígena acima, as as crianças ampliam o repertório lúdico dessa geração que vive conectada à internet, e proporciona uma interação

intergeracional, quando perguntam para seus familiares mais velhos (avós, pais, tios, etc.) como brincavam, onde brincavam, ocorrendo trocas férteis e aproximação entre as diferentes gerações por meio da valorização da experiência do outro.

O fato é que as crianças indígenas estão cada vez mais modificando a sua visão do que é, e de como é brincar. Brincadeiras e jogos antes vivenciados por seus pais e avós, estão cada vez mais sendo esquecidos, tornando-se atividades desconhecidas por elas.

Neste sentido, percebe-se que é através das crianças que se perpetuam as brincadeiras tradicionais. Sendo estas, preservadas e recriadas a cada nova geração. Portanto, resgatar a tradição das brincadeiras é uma forma de ampliar o universo lúdico e cultural das crianças, além de promover uma interação com outras gerações, pois na contemporaneidade as tecnologias restringem as brincadeiras fazendo com que as crianças passem muitas horas na frente do computador, celular ou mesmo da televisão. Ficam ocupadas em vencer obstáculos, disputar corridas, tudo isso sem a criança sair do lugar.

7.2 Prática Intergeracional - relato de uma aula

Figura 14: Foto da Escola da comunidade indígena de Tocantínia - TO



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022)

O crescente envelhecimento populacional traz à tona a importância da intergeracionalidade que se relaciona às interações sociais, em um constante movimento de trocas de experiências, princípios e valores entre pessoas de diferentes gerações, interações

que podem oportunizar ganhos na qualidade de vida e bem-estar. Neste sentido, a UMA/ UFT polo indígena na cidade de Tocantínia -TO, busca promover práticas intergeracionais entre os anciãos e as gerações atuais, a fim de conhecer e preservar a cultura do povo akwê Xerente.

A convivência com os anciãos permite ressaltar que eles são como uma biblioteca viva, pois possuem um conhecimento único acerca do seu povo e da sua cultura, que nem o Google consegue trazer.

Neste toar, especificamente no ano de 2022 a pesquisadora esteve em contato com acadêmicos indígenas da UMA polo de Tocantínia -TO, aprendendo um pouco da cultura do povo akwê Xerente, no que diz respeito às brincadeiras indígenas da época de sua infância. Dessa maneira, após várias visitas, roda de conversas e entrevistas com o público alvo desta pesquisa, realizou-se uma aula com tema brincadeiras indígenas através da prática intergeracional. Pois nos relatos das entrevistas, percebeu-se que as brincadeiras indígenas estão sendo esquecidas pela novas gerações, enfraquecendo assim a cultura do povo Xerente.

Assim, foi planejado junto a coordenadora da UMA - polo de Tocantínia Aragonide Barros e o professor voluntário indígena Manoel Moreno Xerente, uma aula envolvendo mais de duas gerações a fim de desenvolver práticas intergeracionais que resgate e fortaleça as brincadeiras da cultura akwê Xerente. Para tanto, fez-se um momento de mobilização nas aldeias próximas a escola onde seria a aula para sensibilizar os anciãos/velhos acadêmicos em participar da aula, bem como divulgar o projeto da UMA para aqueles que ainda não se matricularam, bem como convidar crianças/jovens para participar desse momento de aprendizagem sobre a cultura do seu povo.

Neste viés, a aula iniciou através de um roda de conversa sobre as brincadeiras indígenas de outrora, mediada pela pesquisadora, que concedeu a fala a todos presentes, escutando atentamente cada fala, que por muitas vezes eram faladas na língua akwê. Então, para melhor entendimento do que era falado, contou com o apoio do professor Manoel Moreno Xerente para traduzir em português o que eles relatavam.

Durante a aula, tratou-se das brincadeiras indígenas, porém narram também um pouco da cultura akwê Xerente, na qual explicaram sobre os clãs. Existem seis clãs que se dividem em três para cada metade. Uma metade de círculo ou bolinhas e outra metade de listra vertical e horizontal. A metade de bolinhas é composta pelo “Kuzâ/Doi tdêkwa - dono de bolinha pequena; Kbazi tdêkwa - bolinha média, dono de algodão e Krito tdêkwa - bolinha maior,

dono de borracha”. A metade de listra vertical e horizontal é composta pelo “Wahirê tdêkwa - dono da listra bem fininho; Krozake tdêkwa, dono de listra vertical e Krêprehi tdêkwa, dono de listra horizontal maior”.

Figura 15: Foto de ilustração das pinturas corporais dos clãs Akwê Xerente



Fonte: Sinã, Valci. Nisizen re hã hesuka (2011, página 18)

Cada clã tem suas ideologias e valores particulares e respeita as especificidades de cada um. Os filhos sempre vão seguir o pai, e os filhos homens são bem aceitos por eles, porque o filho homem continua a geração de linhagem de famílias, para que o clã não acabe ou aquela geração do pai não se acabe. Se tiver só filha mulher, a linhagem de uma família acaba, porque elas não geram filhos para seguir a geração, isto é, elas não têm o direito de colocar o clã do pai delas para dar continuidade à nova geração.

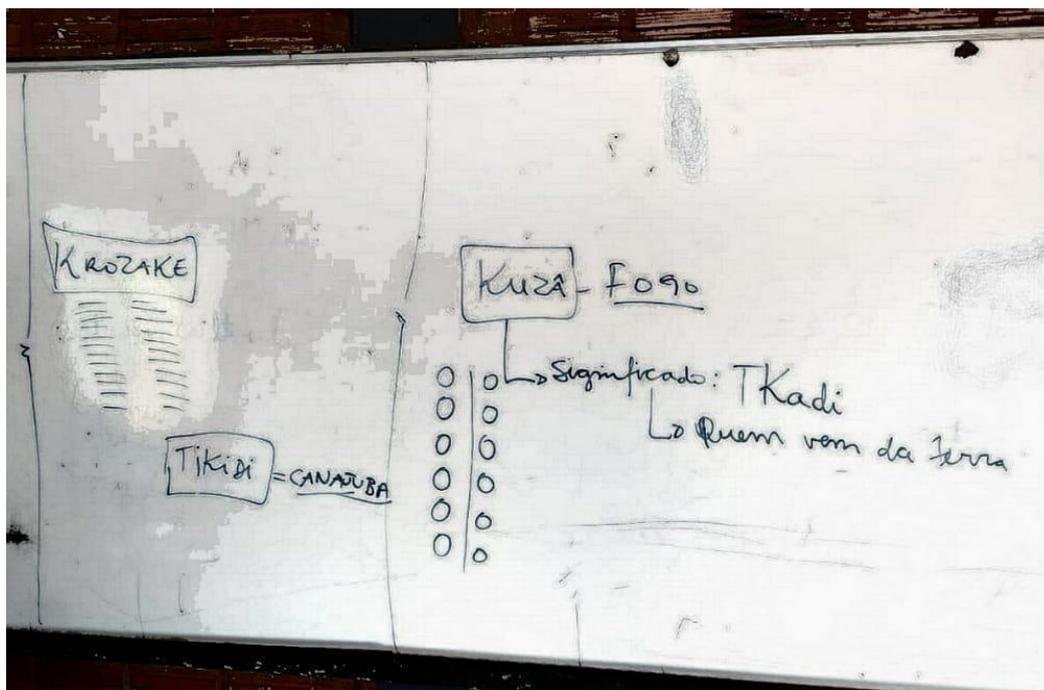
Diante o exposto, os anciãos aproveitando o ensejo da aula, resolveram presentear com nomes indígena a pesquisadora e coordenadora da UMA/UFT, tendo em vista o papel relevante que estas, estão desempenhando na comunidade Xerente, e para melhor comunicação na língua akwê Xerente. Explica que, para tanto, devem escolher um clã ao qual desejam pertencer, uma vez que o conhecem conforme explicação anteriormente e esse clã irá defendê-las em qualquer situação dentro da comunidade indígena.

A primeira a escolher é a coordenadora da UMA indígena, Aragoneide Barros que após analisar de perto com auxílio da imagem dos clãs, optou por escolher o clã Krozake dono

de listra vertical, logo após o ancião do clã escolhido ali presente nomeia com o nome de TIKIDI = CANAJUBA uma árvore.

Em continuidade a nomeação, passou-se para vez da pesquisadora que, após analisar a imagens dos clãs, optou por escolher o clã Kuzâ dono de bolinha pequena. Então, um ancião do clã escolhido ali presente nomeia com o nome de TKADI = Que vem da Terra.

Figura 16: Foto de nomeação pelos anciãos da UMA/UFT



Fonte: Arquivo da pesquisadora(2022)

Neste tom, os anciãos proferiram palavras de agradecimento e afeição pelas representante do projeto da UMA - indígena, e que a partir dali, toda comunidade indígena irá se conhecer as mesmas pelo nome indígena, e por ventura, onde vierem a se encontrar, seja na comunidade indígena ou não indígena, deverão se tratar pelo nome indígena.

Dessa maneira, após as nomeações, prosseguiu-se com a prática de brincadeiras indígena de maneira intergeracional. Os anciãos participaram, orientando e se divertindo ao mesmo tempo. Para essa aula prática o ancião presente, teceu o seguinte: "professora hoje vamos fazer uma brincadeira que eu não falei no dia da entrevista. E que é bem divertida. A brincadeira "Cobra cega". Então, chamou todas as crianças para o pátio da escola e na língua akwê explicou como seria a brincadeira. As crianças atentas ao comando do ancião, logo fizeram conforme ele dizia na língua indígena. Tudo organizado o mesmo orientou as regras

da brincadeira.

Escolheu uma criança que interpretaria a cobra cega e vendou seus olhos com uma camiseta, feito isso, enfatizou que a cobra cega deveria adivinhar quem era a pessoa do círculo em que ela tocava (pode deslizar as mãos pelos cabelos, braços, pernas com intuito de adivinhar quem é o colega), se adivinhar outra pessoa será a cobra cega, caso não adivinhe continua a tentar e pode trocar por outro colega.

Diante o exposto, observa-se que o brincar passou por mudanças diante das novas tecnologias e meios de comunicação, uma vez que estes também são instrumentos de natureza simbólica e, portanto, potenciais mediadores das relações entre sujeito e objeto de conhecimento. Entretanto, consideramos que as brincadeiras tradicionais são de fundamental importância para a construção de conhecimentos, bem como para o desdobramento das interações sociais entre gerações (FERRIGNO, 2015).

Passado o momento de brincadeiras e descontração, continuou-se a promover a intergeracionalidade através de um lanche coletivo, envolvendo todas as gerações ali presente, tendo em vista que, esse momento de entrosamento dos mesmos de maneira espontânea, talvez tenha sido o momento em que eles mais aprenderam com as conversas enquanto se alimentavam. Outro fator que chamou a atenção neste momento, foi o espírito de companheirismo em dividir o pão se preocupar com o outro, para que todos se saciassem.

Buscou-se ao longo deste aula prática conhecer e fortalecer as brincadeiras indígenas do povo akwê Xerente, ouvir os relatos dos anciãos referentes à importância das gerações atuais aprenderem as brincadeiras da época em que eram crianças, de uma época que não existia tecnologias digitais, e o acesso a brinquedos industrializados era muito difícil.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como principal interesse esquematizar as brincadeiras indígenas por meio de narrativas e práticas educativas intergeracionais, ao passo que divulga-se resultados de investigações sobre o brincar alcançadas nos espaços da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT). Essas narrativas estão relacionadas às brincadeiras indígenas da época de sua infância, ao convívio familiar e às relações de afetividade com pais, irmãos e parentes.

As narrativas dos anciãos acadêmicos da UMA indígena, desnudam grandes

sentimentos, na sua grande maioria, sentimentos bons, de momentos em brincavam pelo pátio da aldeia com os irmãos, primos, pais e familiares. Situações que emergem nas lembranças dos anciãos quando os mesmos estão narrando as memórias da família, do povo akwê xerente atribuindo significados da sua cultura e da sua família.

Importante ressaltar que, nesses momentos de entrevistas, os anciãos da UMA indígena puderam despertar memórias que estavam adormecidas e sentiram-se à vontade para expô-las, o que possibilitou a eles prazer e distração, e pode-se dizer que é a conservação das próprias histórias, pois encontraram ouvidos atentos para suas narrativas, em que são protagonistas de riquíssimas lembranças carregadas de identidade sociocultural de sua etnia, memórias vivas de brincadeiras indígenas que estão a cada dia sendo esquecidas pelas atuais gerações. Ressalta-se que os relatos foram de experiências pessoais, no entanto, vêm carregados de experiências de acordo a aldeia em que viveram.

As brincadeiras narradas pelos anciãos, tiveram como referências os mais velhos, ou seja, é um processo construído coletivamente através dos conhecimentos acumulados, com base na ancestralidade. Dessa forma o ato de brincar manifesta-se de forma singular e apresenta a particularidade do povo Xerente. Tendo em vista que, muitas vezes as brincadeiras representavam situações do seu cotidiano ou imitação das ações dos mais velhos, com atividades que são corriqueiras na aldeia, como caçar, pescar, colher, plantar e lavar.

Compreender que esse brincar das crianças indígenas é importante para que se estabeleçam interações com outras sociedades de modo geral, caracterizando-se com o estado de bem viver, onde seu povo vivia em harmonia com os elementos do seu entorno.

Diante das narrativas dos anciãos, observou-se que as crianças indígenas utilizam o território, os recursos naturais como elementos do brincar e nele criam seus brinquedos. Quando a brincadeira necessita de um brinquedo, as crianças o fazem com o auxílio de um adulto ou de forma independente. Esse brinquedo possui significado, sendo visto como um elemento simbólico que representa seu território, sua cultura. Então a pesquisa direcionou o seu olhar para o lúdico inerente ao brincar e às brincadeiras indígenas.

Investigar o brincar das crianças indígenas do povo Xerente, nos leva a compreender que algumas brincadeiras indígenas devem ser respeitadas, para que o povo akwê volte a fazer rodas, escutar e brincar das lindas brincadeiras de seus antepassados.

Neste viés, resgatar a tradição das brincadeiras indígenas é uma forma de ampliar o universo lúdico e cultural das crianças, além de promover uma interação com outras gerações,

pois na contemporaneidade as tecnologias restringem as brincadeiras fazendo com que as crianças passem muitas horas na frente do computador, celular ou mesmo da televisão. Ficam ocupadas em vencer obstáculos, disputar corridas, tudo isso sem a criança sair do lugar. Tais brincadeiras indígenas são importantes para dar visibilidade à cultura Xerente para as futuras gerações.

Portanto, ao fim dessa pesquisa fica um gancho para futuras investigações, no sentido de produzir um material com as brincadeiras relatadas nas entrevistas com os velhos que venha contribuir com a inclusão das brincadeiras indígenas Akwê-Xerente no currículo das escolas do município, pois possui uma população considerável de indígenas da etnia Xerente.

9. REFERÊNCIAS

- ALVES, V.M. S.; DE CARVALHO, M. E. R. **A formação de professores na Base Nacional Comum (BNC-FORMAÇÃO): impasses para execução dos itinerários formativos.** Editora Veredas: 2022. Disponível em: <https://editora.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2022/Veredas/veredas-cap2.pdf> Acesso em: 15 de ago. 2022.
- ARROYO, M. G. (Org.) **Da escola carente à escola possível.** Coleção Educação Popular. São Paulo: Loyola, 1986.
- ARROYO, M. G. **O direito à educação e a nova segregação social e racial-tempos insatisfatórios?.** Educação em Revista, v. 31, p. 15-47, 2015.
- ARROYO, M. G. **O direito ao tempo de escola.** In. Seminário “Escola Pública de Tempo Integral: uma questão em debate”, Fundação Carlos Chagas, 1987.
- ASSUMPCÃO, R., org. **Educação popular na perspectiva freiriana.** São Paulo: Instituto Paulo Freire: 2009.
- AZEVEDO, J. M. L. de. **A Educação como Política Pública.** Campinas. SP: Autores Associados. Coleção Polêmicas do nosso tempo. V. 56: 1997.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice.** Nova Fronteira, 2018.
- BERNARDES, Elizabeth Lannes. **Jogos e brincadeiras tradicionais: um passeio pela história.** In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 2006. p. 542-549.
- BNCC. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2018. BRASIL. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em: 14 de jul. de 2022.
- BOTH, A. **Gerontagogia: educação e longevidade.** Passo Fundo: Imperial. 1999.
- BOUTH, R. N. S. **A Transversalidade da Educação Ambiental na Grade Curricular do Ensino Fundamental: Uma Alternativa na Formação de Cidadãos Voltados ao Desenvolvimento Sustentável.** Revista Científica Aprender, Varginha, v. 4, n. 5, maio 2011. Disponível em: <http://revista.fundacaoaprender.org.br/?p=63> . Acesso em: 18 mar 2022.
- BRAGGIO, S. L. B. **Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente Akwê: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866), a Maybury-Lewis (1965) com os de Braggio (2004).** Signótica. Goiânia, v. 17, n. 2, 2005b. p. 251-2742, 2005.
- BRITO, M. S. O.; XERENTE, A. S.; NUNES FILHO, F. A.; **Práticas educativas intergeracionais que acontecem em territórios indígenas da Amazônia Legal.** Colóquio Internacional da Afirse: Associação Francófona Internacional de Pesquisa Científica em Educação – Seção Brasileira: 2022. Disponível em: https://www.even3.com.br/v_coloquio_intern_xi_coloquio_nacional_afirse_brasil_2022/ Acesso em: 24 de ago. de 2022.

CANDAU, V. M. F. **Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos.** In: Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a15.pdf> Acesso em 12 de mar. 2022.

CARNEIRO, R. et al. **Transversalidade e inclusão: desafios para educador.** Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005.

CASTRO, D. L.; NASCIMENTO, A. R. **Ensino de ciências na educação infantil e a abordagem CTS: um projeto desenvolvido num espaço de educação infantil - RJ.** Indagatio Didactica, Aveiro, v. 8, n.1, jul. 2016. DOI: <https://doi.org/10.34624/id.v8i1.8063> Acesso em: 05 de mai. de 2022.

CAVALCANTI, J. R. G. et al. **Percepções e vivências de avós que cuidam de seus netos.** In: Anais CIEH. 4º Congresso Internacional de Envelhecimento Humano. João Pessoa: Anais Centro Universitário de João Pessoa-UNIPÊ, 2015. p. 21-26.

CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **A vida na escola e a escola da vida.** Petrópolis: Vozes, p. 15- 20, 1983.

ClAVATTA, M. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade** In.: FRIGOTTO, G. et al. (orgs.). Ensino médio integrado: ensino médio integrado concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

COSTA, S. Q. B. G. **A Educação intergeracional como tecnologia social: uma abordagem da intergeracionalidade no âmbito da Universidade Federal do Tocantins - UFT: 2015**

COTRIM, Rodrigo Guimarães Prudente Marquez. **Uma descrição da morfologia e de aspectos morfossintaxe da língua Akwê-Xerente (Jê Central).** Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília: 2016.

DA COSTA, A. P.; OSÓRIO, N. B. **A Intergeracionalidade Na Universidade Da Maturidade-Palmas-Tocantins.** Humanidades & Inovação, v. 8, n. 42, p. 294-307, 2021.

DA SILVA, V. **Qualidade de vida do idoso: cuidado do idoso, dever de quem?.** Revista Espaço Acadêmico, v. 10, n. 110, p. 138-146, 2010.

DE ASSUNÇÃO, M. A. et al. **Universidade da maturidade: uma análise na perspectiva da promoção à saúde.** Humanidades & Inovação, v. 6, n. 11, p. 23-34, 2019.

DE CARVALHO SILVA, E. et al. **Relação entre condições socioeconômicas e o perfil do autocuidado dos idosos** Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins. Research, Society and Development, v. 11, n. 9, p. e48311931732-e48311931732, 2022.

DE SANTANA, W. V. et al. **Tecnologia social educacional para idosos, inovação e extensão universitária.** Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 11, p. 85419-85433, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/19413> Acesso em: 12 de jul. 2022

DE SOUSA, J. G.; DE PINHO, M. J. **Aspectos Da Ação Pedagógica Docente No Contexto Da Formação De Professores: Reflexões À Luz Da Interdisciplinaridade E Da Transdisciplinaridade.** Revista Plurais-Virtual (e-ISSN 2238-3751-ISSN 1984-3941), v. 10, n. 3, p.

381-399, 2020.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Autores Associados, 2021.

DOS SANTOS PEREIRA, A. M.; DE OLIVEIRA CORTES, G. R. **Itinerários formativos na BNCC: sentidos em mídias digitais**. Revista Letras Raras, v. 11, n. 2, p. 185-214/Eng. 181-209, 2022.

DUARTE, C. S. **Direito público subjetivo e políticas educacionais**. São Paulo em perspectiva, v. 18, p. 113-118, 2004.

FALEIROS, V. P. **Cidadania e direitos da pessoa idosa**. 2007.

FANTIN, Mônica. **No mundo da brincadeira: jogo, brincadeira e cultura na Educação Infantil**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FANTIN, Mônica. **No mundo da brincadeira: jogo, brincadeira e cultura na Educação Infantil**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FEITOSA, L; VIZOLLI, I. **Entre fronteiras, matas e beiras de rios: Amazônia legal brasileira e o pesquisador da educação escolar indígena**. Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades, v. 9, n. 2, 2021.

FERREIRA, Josenilde da Conceição Souza. **Jogos e brincadeiras na educação infantil, o lúdico como forma de aprender Brincando**. Revista SL Educacional, v. 28, n. 5, p. 85, 2021.

FERREIRA, O. G. L. et al. **Envelhecimento ativo e sua relação com a independência funcional**. Texto & Contexto-Enfermagem, v. 21, p. 513-518, 2012.

FERRIGNO, J. C. **Conflito e cooperação entre gerações**. Edições Sesc, 2015.

FRANÇA. L.; SILVA. A.; BARRETO. M. **Programas Intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira?** Researchgate, v.13, n. 10, dez/2010, p.523-529. Disponível

em.<https://www.researchgate.net/publication/316000479_Programas_intergeracionais_quo_r_elevantes_eles_podem_ser_para_a_sociedade_brasileira>. Acesso 27 jun. 2021.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra: 2001 (1.a ed. 1975).

FREIRE, P. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estudos avançados, v. 15, p. 259-268, 2001.

FREIRE, P. **Educação “bancária” e educação libertadora**. Introdução à psicologia escolar, v. 3, p. 61-78, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogy of the city**. New York: Continuum: 1993. In: WONG, P. L. **Paulo Freire: um aliado para aqueles que se atrevem a ensinar**. Reinventando Freire: a Práxis do Instituto Paulo Freire. Editora: Lemann Center: 2018.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 2008.

- FREIRE, P., 1997. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra.
- FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: Crescer e aprender o resgate do jogo infantil**. São Paulo, 1996.
- GADOTTI, M. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. São Paulo, Publisher Brasil, 2007.
- GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. São Paulo: Cortez, 2003.
- GADOTTI, M. **Educação popular e educação ao longo da vida**. 2016. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/FPF_PTPF_01_0470.pdf Acesso em 19 de abr. de 2022.
- GADOTTI, M. **Paulo Freire: 50 anos de Angicos. Significado para a educação brasileira hoje**. Direcional Educador, 100, 8-12: 2013.
- GADOTTI, M. **Reinventando Freire. A práxis do Instituto Paulo Freire**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018.
- GADOTTI, M; FEITOSA, S. C. S. **Reinventar a educação é inverter prioridades. O lugar da educação de adultos como política pública**. Reinventando Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire. São Paulo: IPF, Lemann Center, Stanford Graduate School of Education, 2018.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf> Acesso em 12 de jan. de 2022.
- ITS. Instituto de Tecnologia Social. **Tecnologia Social no Brasil. Caderno de Debate**. Secretaria para Inclusão Social - Ministério da Ciência e Tecnologia: novembro de 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/128117/tecnologia%20social%20caderno%20debate%20MCT.pdf?sequence=4&isAllowed=y> Acesso em: 12 de maio 2022.
- ITS. Instituto de Tecnologia Social. **Tecnologia social: experiências exemplares**. Instituto de Tecnologia Social (Org.). São Paulo: ITS BRASIL/MCTI-SECIS, 2012.
- JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista brasileira de história da educação, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749> Acesso em 24 de jul. de 2022.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1999.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Froebel e a concepção de jogo infantil**. In: _____ (org.). O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 2002.
- LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LDB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasil: 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 04 de jan. 2022.

LIBÂNEO, J. C. **Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro?** In: Pimenta, S. G.; Ghedin, E. (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 53-79.

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Segundo Tratado sobre o Governo. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Em *Aberto*, v. 5, n. 31, 1986.

MAGALHÃES, D. N. **Intergeracionalidade e cidadania**. 2000 In: PAZ, Serafim: *Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?* Rio de Janeiro: 2000. CBCISS-ANG/RJ.

MARCONI, M. A. de.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas: 2003.

MATOS G. A. **A Palavra do Contador de Histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. São Paulo: Martins Fontes; 2014. p. 203.

MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. São Paulo - SP: Cosac Naify: 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 27 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NETTO, M.P. **História da velhice no século XX: Histórico, definição do campo e temas básicos**. In E.V. Freitas., L. Py., A.L. Néri., F.A.X. Cançado., M.L. Gorzoni, M.L e S.M. Rocha (Eds.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.1-12, 2002.

NOLETO, L. et al. **Apoio Social: velhos da “UMA” em situação de vulnerabilidade em tempo de Covid-19**. *Revista Observatório*, v. 6, n. 2, p. a1pt-a1pt, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/9482> Acesso em: 12 de mar. 2022.

NOVAES, M. H. **Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias**. 2. ed. Rio de Janeiro: NAU: 1997.

NUNES A. **A sociedade das crianças A’uwe-Xavante: revisitando um estudo antropológico sobre a infância**. *Poiésis – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação UFSC*, v. 4, n. 8, p. 342-359, jul./dez., 2011

NUNES FILHO, F. A.; OSÓRIO, N. B.; MACÊDO, C. F. **Projeto Ecoponto na Escola, uma experiência de Educação Ambiental intergeracional em escolas públicas de Palmas–TO**. *REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, p. 237-256, 2016.

NUNES FILHO, F. A; SAMPAIO, M. A. P.; OSÓRIO, N. B. **Formação em Educação Intergeracional: o Curso de Formação Piloto do Centro Sarah Gomes**. CONEDU - Congresso Nacional de Educação. 2021

NUNES, L. (2009) **Promoção do bem-estar subjetivo dos idosos através da intergeracionalidade**. Dissertação de Mestrado em Psicologia, especialização em Psicologia do Desenvolvimento, sob a orientação da Professora Doutora Margarida Pedroso de Lima. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra

OLIVEIRA, N. P. B. et al. **A Universidade no combate ao analfabetismo: a conexão existente na UMA/UFT em prol da alfabetização de idosos**. Brazilian Journal of Development, v. 8, n. 3, p. 16719-16728, 2022b. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/44896> Acesso em 06 de jun. de 2022.

OLIVEIRA, N. P. B. et al. **Os mais velhos no Senado Federal: um olhar sobre a Sessão Especial que celebrou os 15 anos da UMA/UFT** The eldest in the Federal Senate: a look at the Special Session that celebrated the 15th anniversary of UMA/UFT. Brazilian Journal of Development, v. 8, n. 3, p. 18380-18389, 2022c.

OLIVEIRA, P. S. **Cultura e co-educação de gerações**. Psicologia USP, v. 9, p. 261-295, 1998. Disponível: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/qc9YsDWYDfBkgK6BRyNjT3Q/?lang=pt> Acesso em 30 de jan. 2022.

OLIVEIRA, Paulo Salles. **O que é brinquedo**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

OLIVEIRA, S. M. R. **A educação intergeracional como processo de desenvolvimento pessoal e social**. Universidade do Minho. Instituto de Educação, 2018. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/56031/1/tese%20final%20sara%20oliveira.pdf> Acesso em: 06 de fev. de 2022.

OLIVEIRA, Z. M. R. **A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil**. Editora Cortez: 2000.

OPAS/ONU. **Organização Pan-Americana da Saúde. Década do Envelhecimento Saudável nas Américas (2021-2030)**. OMS: 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030> Acesso em: 20 de mar. 2022

OSÓRIO, N. B; ANDRADE, C.M. **Asilo, é possível viver com alegria?** Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – Rio Grande do Sul, 2000.

OSÓRIO, N. B. et. al. **A Era dos Avós Contemporâneos na Educação dos Netos e Relações Familiares: Um Estudo de Caso na Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins**. Revista Signos, Lajeado, ano 39, n. 1, 2018. ISSN 1983-0378 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v39i1a2018.1837> Acesso em: 10 de abr. de 2022.

OSÓRIO, N. B. **Palavras da professora Neila Barbosa Osório durante as aulas da disciplina Técnicas de Educação Intergeracional, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT)**. Palmas: 2022.

OSÓRIO, N. B. **Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins: Uma proposta educacional para o envelhecimento digno e ativo no Tocantins**. Palmas: UFT, 2011.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO L. S.; MONTEIRO, S. D. **Universidade da Maturidade: Ressignificando Vidas**. Universidade Federal Do Maranhão, São Luís, Maranhão, 2013.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; NUNES FILHO, F. A. **GeronTOcantins: estudos sobre a educação ao longo da vida na Amazônia legal**. Organizadores. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/704158> Acesso em: 31 de jul. de 2022.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L.S. **Universidade da Maturidade. Nossa História. Universidade Federal do Tocantins**. UFT/2021. Disponível em: <http://sites.uft.edu.br/uma/nossa-historia/> Acesso em: 24 de abr. 2022.

OSÓRIO, N.B; SILVA NETO, L.S. **Interdisciplinaridade na terceira idade: o caso dos avós**. São Paulo: Xamã, 2009.

PACTO, **Pacto Nacional de Implementação dos Direitos da Pessoa Idosa (PNDPI). Ministério de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos**. Brasília - DF. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoa-idosa/CARTILHA_PACTO_ENVELHECIMENTO_.pdf Acesso em: 14 jul. 2022.

PACTO/UMA/UFT. **Curso de capacitação para criação e fortalecimento dos Conselhos e Fundos de Direitos das Pessoas Idosas – Tocantins**. Palmas - TO:UMA/UFT, 2021. Disponível em: <http://sites.uft.edu.br/uma/projetos/> Acesso em 5 de jul. de 2022.

PEREIRA, SILVANIS DOS REIS BORGES. **A intergeracionalidade por meio da contação de histórias na universidade da maturidade da universidade federal do tocantins' 04/12/2020 111 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, Palmas Biblioteca Depositária: www.uft.edu.br**

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como Arte da Escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PPP-UMA/UFT. **Projeto Político Pedagógico da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins - UMA/UFT**. 2021.

RIVA, L. C. **O Estatuto do Idoso Brasileiro e a Garantia dos Direitos Fundamentais**. Revista do Instituto do Direito Brasileiro (RIDB), Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Ano, v. 2, p. 8735-8760, 2013.

RUBIO, Katia; FUTADA, Felipe de Melo; SILVA, Everson Carlosda. **Os jogos indígenas e as contradições do confraternizar e competir**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 28, n. 1, 2008.

SANTANA, L. S. B. et al. **A Educação Intergeracional na Contação de Histórias dos Anciãos Indígenas da Universidade da Maturidade - UMA/UFT de Tocantínia Tocantins**. In: Anais do Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo. Palmas-TO:UMA/UFT,2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/sigero2022>. Acesso em: 16 de ago. de 2022.

SANTANA, W. V. de. **A universidade da maturidade como produtora de tecnologia social educacional (2016 a 2020)**. 2021.

SAVIANI, D. et al. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: 19ª Edição Editores Autores Associados, 2013.

SILVA NETO, L. S. S.; OSÓRIO, N. B. **Educação na velhice? Uma história de 11 anos na Universidade Federal do Tocantins**. DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins, v. 4, n. 3, p. 01-02, 2017. Disponível em <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/4130/11594> Acesso em 03 de ago. de 2022.

SILVA, Antonio Carlos Macena Da. **Brinquedos e brincadeiras na Aprendizagem Histórica em turma de 4º ano do Ensino Fundamental em Marabá**, PA' 14/04/2020 140 f. Mestrado Profissional em Ensino de História Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca UFT

SILVA, J. I. **Entre conflitos e resistências: usos e atitudes linguísticas de jovens indígenas Akwê-Xerente**. 163 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia: 2014.

STUMPF, Ida Regina. **Pesquisa Bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2. ed. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villa lobos. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1998.

VILLAS-BOAS, S. et al. **A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida-Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos**. Investigar em Educação, v. 2, n. 5, 2016. Disponível em: <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/114> Acesso em 30 de mar. 2022.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

WONG, P. L. **Paulo Freire: um aliado para aqueles que se atrevem a ensinar. Reinventando Freire: a Práxis do Instituto Paulo Freire**. Editora: Lemann Center: 2018.

XERENTE, A. S. **Particularidades dos sons, nomes, verbos, advérbios e posições em Akwê (Xerente), família Jê central, tronco Macro-Jê**. Dissertação Mestrado em Linguística: Universidade de Brasília, Brasília, 2019.